



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA

Vitória Milena de Góis

Experiências Interculturais na sala de aula de Língua Inglesa: investigando a construção
de uma práxis pedagógica

CARAÚBAS/RN

2023

Vitória Milena de Góis

Experiências Interculturais na sala de aula de Língua Inglesa: investigando a construção
de uma práxis pedagógica

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de licenciada em língua
inglesa.

Orientador Prof. Dr. Jeová Araújo Rosa Filho

CARAÚBAS/RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

G616e Góis, Vitória Milena de Góis.
Experiências Interculturais na sala de aula de
Língua Inglesa: investigando a construção de uma
práxis pedagógica / Vitória Milena de Góis Góis. -
2023.
78 f. : il.

Orientador: Jeová Araújo Rosa Filho Filho.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Inglês,
2023.

1. Experiências. 2. Práticas interculturais .
3. Interculturalidade. 4. Interação. I. Filho,
Jeová Araújo Rosa Filho, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Vitória Milena de Góis

Experiências Interculturais na sala de aula de Língua Inglesa: investigando a construção de uma práxis pedagógica

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em língua inglesa.

Defendida em: 09/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Jeová Araújo Rosa Filho

Assinado de forma digital por Jeová Araújo Rosa Filho
Dados: 2023.10.20 14:12:57 -03'00'

Prof. Dr. Jeová Araújo Rosa Filho (UFERSA)
Presidente

Documento assinado digitalmente



ANDERSON ROMARIO SOUZA SILVA

Data: 19/10/2023 18:46:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. M^c

(UFERSA)

Documento assinado digitalmente



BRUNO CORIOLANO DE ALMEIDA COSTA

Data: 19/10/2023 20:01:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Coriolano de Almeida Costa (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, direciono os meus agradecimentos ao universo, por ter iluminado meus pensamentos em momentos de fraqueza e incertezas, que não foram poucos.

A mim mesma, por não ter me permitido desistir entre dias e noites de angústias intermináveis. A minha mãe, Luísa Marluce, ao meu pai, José Romildo, e ao meu irmão, Jonas. A minha família. Por vocês, e a vocês, dedico com meu coração cheio de felicidade e amor os meus agradecimentos. Agradeço pelo apoio desde o início da minha trajetória, pelo cuidado, pelas ligações preocupadas as quais recebia quando estava na universidade e por todas as vezes que me buscaram “tarde da noite” na parada do ônibus para que eu pudesse voltar para casa em segurança. Agradeço imensamente pela minha boa criação, que me faz ser hoje uma pessoa responsável e do bem, e que as palavras são poucas para descrever minha gratidão e amor por vocês.

Em especial, deixo meus mais sinceros agradecimentos ao meu orientador, o Prof. Dr. Jeová Araújo Rosa filho por toda paciência, conversas, sugestões e por aceitar me orientar e dividir esse trajeto de luta e sonho comigo. Não consigo descrever o meu sentimento de gratidão por você, professor Jeová. Meu muito obrigada por ter sido essencial nesse ciclo da minha vida acadêmica, e muito obrigada por ter depositado sua confiança em mim.

Agradeço aos meus amigos de graduação, os quais dividi muitos momentos e experiências incríveis, em especial aos mais próximos a mim, Analine, Ivanice, Kergivaneide, Italo, Elias e Larisse. Aprendi muita coisa boa com vocês durante nosso trajeto na universidade.

A todos os professores do curso de Letras Inglês, por todas as experiências e conhecimentos compartilhados, especialmente aos professores Jeová Araújo, Anderson Romário e Pedro Pone, que para mim são muito especiais.

De forma geral, deixo aqui a minha eterna gratidão a todos vocês!

RESUMO

Este trabalho teve como foco investigar experiências e práticas pedagógicas interculturais em um contexto real de sala de aula de língua inglesa através de interações entre um professor e alunos de uma turma de 1º ano “A” do ensino médio em uma escola do interior do RN. De maneira geral, os estudos sobre práticas pedagógicas interculturais nos revelam como experiências de aprendizagem em sala de aula podem contribuir para que os aprendizes aprofundem suas percepções críticas sobre os discursos que os cercam. No entanto, ainda há poucas pesquisas que abrem as janelas de salas de aula para evidenciar como a interculturalidade pode ser compreendida na prática. A pesquisa justifica-se pela urgência em abrir as janelas de contextos reais de ensino e aprendizagem para compreender como a interculturalidade pode ser pedagogicamente elaborada. Partindo dessa observação, esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo de cunho etnográfico que teve como objetivo central definir as bases de uma práxis pedagógica intercultural investigando um contexto real de sala de aula de língua inglesa, buscando analisar *se* e *como* as instâncias de interculturalidade acontecem nesses espaços, com vistas a compreender como um professor de língua inglesa de uma escola da rede pública de ensino narra e atua a interculturalidade na sala de aula de língua inglesa sob princípio teórico, metodológico e como uma competência colaborativamente construída pelas interações de sala de aula. Em termos teóricos, nos ancoramos em autores que discutem as relações entre língua e cultura; abordam o conceito de competências interculturais e refletem sobre diferentes abordagens quanto ao ensino de língua e cultura (KRAMSCH 1998; BYRAM 2002; GIMENEZ, 2006). A geração de dados foi baseada em questionários, observação participante de sala de aula e notas de campo. A análise seguiu uma orientação interpretativista, levando em consideração algumas respostas do professor e dos alunos obtidas através dos questionários. A interculturalidade foi investigada na sala de aula a partir de três elementos da prática pedagógica do professor em relação aos alunos, sendo estes: a relação entre professor e alunos, estratégias metodológicas e materiais pedagógicos utilizados. Os resultados nos apontam que nas práticas narradas e atuadas do professor e dos alunos aconteceram instâncias interculturais. No entanto, observamos alguns desencontros por parte do professor entre suas práticas narradas e atuadas através das descrições dos episódios de sala de aula. Por outro lado, em alguns momentos das aulas observadas foi possível notar uma coerência entre as práticas narradas e atuadas, quando ambas pareciam estar alinhadas com o paradigma intercultural. Isso indica a complexidade de uma prática intercultural e ao mesmo tempo o caminho de aprofundamento crítico nas estratégias pedagógicas do professor.

Palavras-Chave: experiências; práticas interculturais; interculturalidade; interação.

ABSTRACT

This work focused on investigating intercultural pedagogical experiences and practices in a real English language classroom context through interactions between a teacher and students in a 1^o year "A" high school class at the a school in the interior of the state of Rio Grande do Norte -RN. In general, studies on intercultural pedagogical practices show us how learning experiences in the classroom can help learners deepen their critical perceptions of the discourses that surround them. However, there is still little research that opens classroom windows to show how interculturality can be understood in practice. The research is justified by the urgency of opening the windows of real teaching and learning contexts to understand how interculturality can be pedagogically elaborated. Based on this observation, this research is a qualitative study of an ethnographic nature whose central objective was to define the bases of an intercultural pedagogical praxis by investigating a real English language classroom context, seeking to analyze *if* and *how* instances of interculturality take place in these spaces, to understand how an English language teacher from a public school narrates and acts interculturality in the English language classroom from a theoretical and methodological point of view and as a competence that is collaboratively constructed through classroom interactions. In theoretical terms, we are anchored in authors who discuss the relationship between language and culture; address the concept of intercultural competencies, and reflect on different approaches to teaching language and culture (KRAMSCH 1998; BYRAM 2002; GIMENEZ, 2006). Data generation was based on questionnaires, classroom observation, and field notes. The analysis followed an interpretive approach, taking into account some of the teacher and student responses obtained through the questionnaires. Interculturality was investigated in the classroom based on three elements of the teacher's pedagogical practice about the students: the relationship between teacher and students, methodological strategies, and the teaching materials used. The results show that intercultural instances did occur in the narrated and acted practices of the teacher and the students. However, we observed some mismatches on the part of the teacher between his narrated and acted practices through the descriptions of classroom episodes. On the other hand, in some moments of the lessons observed, it was possible to notice a coherence between the practices narrated and acted out when both seemed to be aligned with the intercultural paradigm. This indicates the complexity of an intercultural practice and, at the same time, the need for critical analysis of the teacher's pedagogical strategies.

Keywords: experiences; intercultural practices; interculturality; interaction.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

RN - Rio Grande do Norte

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A relação entre língua e cultura sob uma perspectiva pós-estruturalista.....	13
2.2 Compreendendo o ensino de língua inglesa a partir de um paradigma intercultural	18
2.3 Práticas interculturais na sala de aula de língua inglesa: Compreensões acerca de papéis interativos de professores e alunos	26
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	32
3.1 Natureza da pesquisa.....	32
3.2 O contexto de investigação	33
3.3 Participantes da pesquisa	34
3.4 Descrição dos instrumentos utilizados na pesquisa.....	35
3.4.1 Questionários	35
3.4.2 Observação de aulas com notas de campo	36
3.5 Descrição das estratégias para a análise de dados.....	38
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	40
4.1 Descrição e análise dos episódios	41
4.1.1 Episódio 1 - Classroom's around the world	41
4.1.2 -Episódio 2 - Discussion Point, Sharing, Vocabulary, To be good at	47
4.1.3 Episódio 3 - Vocabulary, Listening and Speaking	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	69
ANEXO 1:.....	69
ANEXO 2	72
ANEXO 3	75
ANEXO 4	77

1. INTRODUÇÃO

Buscar refletir dentro da sala de aula abordagens interculturais possibilita a quebra de estereótipos de culturas consideradas como superiores e inferiores. Sabemos que não existe cultura superior ou inferior, o que existem são apenas culturas que apresentam diferenças e, diante disso, precisam ser respeitadas e abraçadas. Assim, é indispensável discutir sobre paradigmas interculturais na sala de aula, buscando temáticas que proporcionem questões culturais que estimulem a criticidade do aluno para que ele esteja ciente das realidades do mundo ao seu redor e através disso se sinta seguro e empoderado quando tiver que se posicionar socialmente. Muitas pesquisas discutem a abordagem intercultural sob um olhar teórico, mas existem poucas pesquisas que atentam ao olhar prático, sobre como abordagens interculturais realmente acontecem ou podem acontecer dentro da sala de aula. Portanto, é urgente que desenvolvamos pesquisas com o intuito de investigar *se* e *como* a abordagem intercultural é explorada dentro da sala de aula de língua inglesa diante das práticas pedagógicas de professores e também das interações entre os alunos.

De acordo com o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), é importante que os professores estejam atentos para a formação crítica dos alunos. É necessário que a escola abrace e cultive a abordagem intercultural para estimular não somente a formação linguística, mas também crítica, social e humana, permitindo que os alunos possam conhecer e compreender a cultura do outro, para que ao mesmo tempo possam refletir sobre a sua própria cultura. Dessa forma, destacamos aqui, uma atenção especial não somente aos professores de língua inglesa, mas também a todos os profissionais da educação, em aprimorar suas práticas de ensino, pois desenvolver uma abordagem intercultural facilita a construção crítica dos alunos em relação a desigualdades sociais, diferenças culturais, desconstrução de estereótipos e desconstrução de preconceitos.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu através das minhas experiências enquanto aluna, confesso que não tive boas experiências com alguns professores de Língua Inglesa. Na época, eram presos a um método tradicional.¹ Ou ainda, presos ao método de somente

¹O método tradicional se conecta ao modelo de educação bancária formulado por Paulo Freire. O modelo define que o professor vê o aluno como um banco para depositar conhecimento. Para Freire, o professor da educação bancária é “encher” os alunos através de narrações, o que conduz os alunos a uma memorização mecânica do conteúdo. Assim, os educandos aprendem somente a “sonoridade” da palavra, e não a força de aprender o real significado do que lhe está sendo narrado. (FREIRE, 1996). Aponto também Richards e Rodgers (1986), que destacam a importância da comunicação em sala de aula entre os participantes, não se limitando apenas nas interações entre professor e alunos, mas também a comunicação entre os próprios alunos, com o professor que deixa de assumir o papel de autoridade, e passa a ser facilitador no processo de comunicação entre os participantes da sala de aula.

“depositar” conteúdos de gramática e tradução. Para mim, esse método é um problema, porque a sala de aula, principalmente a sala de aula de Línguas Estrangeiras é e deve ser um lugar o qual os alunos possam usar suas imaginações, ir além de sistemas gramaticais, participando e se posicionando de forma ativa e independente. Para isso, o professor deve estar ciente de que não só ele deve atuar e protagonizar a sala de aula com ideias e conhecimentos, mas também os alunos.

É interessante salientar que, para se ensinar uma língua, é necessário que o professor mostre ao aluno que ele vive em um mundo diverso, que apresenta diferenças sociais e culturais, com isso, é extremamente importante que ele esteja envolvido com a interculturalidade para poder se posicionar criticamente e entender a realidade do outro, para que a partir disso, possa refletir e construir sua identidade social e cultural.

Tratando-se de pesquisas que abordam a interculturalidade, envolvemos documentos e artigos de autores essenciais como Kramsch (1998) a qual estabelece a relação entre língua e cultura sob uma perspectiva pós-estruturalista² que nos faz compreender língua e cultura como práticas sociais. Partindo disso, podemos pensar que a aula de língua estrangeira ajuda o aluno a entender as pessoas e o mundo delas a partir de um contato maior com as culturas daquela língua, dessa maneira, o aluno terá uma compreensão mais diversificada do mundo, onde o mesmo passa ter pensamentos de criticidade e empatia para com o outro. Byram (1997-2002) também contribui significativamente para este trabalho quando propõe discussões conceituando a competência intercultural, oferecendo propostas metodológicas centradas nas necessidades e capacidades pessoais de um aprendiz de língua estrangeira. Pensando nisso, a busca pelo conhecimento é uma jornada intensa e contínua, e é através dessa busca que os alunos devem acreditar de que aprender um novo idioma, assim como o inglês, ou qualquer outro, pode trazer grandes resultados significativos para seu aprimoramento cultural.

Diante desse cenário, a pesquisa justifica-se pela urgência em abrir as janelas de contextos reais de ensino e aprendizagem para compreender como a interculturalidade pode ser pedagogicamente elaborada. A pesquisa teve como objetivo central definir as bases de uma

²De acordo com Casali, e Gonçalves (2018, p 85), “É pertinente destacar a importância de se conhecer a perspectiva pós-estruturalista, isto porque ela esclarece as relações sociais de dominação que vão além dos aspectos econômicos, pois abrangem questões de gênero, sexualidade e étnico-raciais. E que consequentemente causam reflexos na sociedade, pois enquanto um grupo social específico reconhecido como hegemônico estiver exercendo a suas relações de poder, outros grupos estarão na condição de subordinados e inferiores.” Dessa forma, a perspectiva pós-estruturalista enfatiza a complexidade das relações sociais e a interconexão de fatores sociais, culturais e políticos que moldam a hierarquia de poder na sociedade.

práxis pedagógica intercultural investigando um contexto real de sala de aula de língua inglesa, buscando analisar *se e como* as instâncias de interculturalidade acontecem nesses espaços, com vistas a compreender como um professor de língua inglesa de uma escola da rede pública de ensino narra e atua a interculturalidade na sala de aula de língua inglesa sob princípio teórico, metodológico e como uma competência colaborativamente construída pelas interações de sala de aula. Tendo em vista essa urgência, a presente investigação se organizou a partir do seguinte questionamento central: *como podemos reconhecer práticas de interculturalidade no contexto de sala de aula de língua inglesa?*

Partindo do objetivo central e da pergunta de pesquisa para nossa investigação, os seguintes objetivos específicos foram traçados: 1) investigar as narrativas do professor e dos alunos à luz do paradigma intercultural; 2) investigar se e como as práticas do professor e dos alunos na aula de inglês correspondem a um paradigma intercultural. Em termos metodológicos, o trabalho foi composto por uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho etnográfico através da qual apresentamos uma investigação em que buscamos compreender *se e como* uma práxis de ensino intercultural é construída dentro da sala de aula de língua inglesa. Os dados foram gerados a partir de questionários, gravações de aulas e notas de campo direcionados ao professor e aos alunos de ensino em Língua Inglesa de uma escola do interior do RN. A partir disso, tivemos acesso às interações e narrativas de ensino e aprendizagem dos participantes envolvidos para que pudéssemos seguir com as análises desses materiais relacionados a experiências interculturais na sala de aula.

Quanto à estrutura textual deste trabalho, além deste capítulo introdutório, apresentamos um capítulo teórico apontado para estudos de alguns autores no qual expomos alguns conceitos fundamentais, bem como a relação entre língua e cultura numa perspectiva pós-estruturalista e como a interculturalidade pode acontecer dentro da sala de aula de língua inglesa. É nesse momento da pesquisa que nos endereçamos aos objetivos específicos 1 e 2. Logo em seguida, apresentamos um capítulo com as orientações metodológicas da pesquisa, seguido por um capítulo de análise e discussão dos dados. Nesse capítulo, teremos como foco os dados gerados a partir da realidade de uma sala de aula e algumas narrativas dos participantes. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Abordamos aqui estudos de autores que fundamentaram o arcabouço teórico deste trabalho. Com isso, dividimos esse capítulo em três subseções com o objetivo de compreender a interculturalidade como conceito teórico pós-moderno e também de compreender orientações metodológicas para uma prática pedagógica intercultural.

2.1 A relação entre língua e cultura sob uma perspectiva pós-estruturalista

A relação entre língua e cultura é um tópico bastante discutido no campo da linguística e da antropologia. Atentando-se a isso, discutiremos aqui como esses dois termos se relacionam e, para isso, nos baseamos em Kramsch (1998) ao passo em que a autora defende que a língua não pode ser dissociada da cultura que a envolve. Para ela, língua e cultura estão intimamente interligadas, e não podem ser separadas uma da outra, uma vez que, não existe uma língua sem cultura, e nem uma cultura sem língua, pois ambas caminham juntas.

Compreender a relação entre língua e cultura sob uma perspectiva pós-estruturalista significa subverter a concepção desses construtos como sistemas ou entidades isoladas e adotar uma ótica de compreensão que define língua e cultura como verbos, ações, práticas, as quais são constantemente construídas e transformadas pelos sujeitos em seus contextos sócio-históricos.

Segundo Kramsch (1998, p. 3) “a língua é o meio pelo qual conduzimos nossa vida social, e quando usada em contexto de comunicação, se relaciona a cultura de várias formas.”³ Numa das formas, a linguagem expressa uma realidade cultural, ou seja, pessoas compartilham ideias em situações que são comunicáveis expressando conhecimento de mundo partilhado pelo mesmo grupo. A outra forma se atrela ao modo de como as pessoas se expressam no meio falado ou escrito. Conforme Kramsch 1998, p. 3) “através de todos os seus aspectos verbais e não verbais, a língua incorpora a realidade cultural.” A língua nesse sentido também é moldada e socializada através da cultura, pois, em alguns contextos a escrita é usada para fins práticos, como para comunicar informações importantes, e em outras culturas a escrita pode ser usada como forma de arte, a relação da escrita pode variar de acordo com o contexto social e cultural das pessoas. A cultura ocupa uma posição muito importante sobre as formas de como a escrita é usada e entendida em diferentes contextos em diferentes grupos de pessoas. Na última forma, a linguagem simboliza uma realidade cultural, isso quer dizer que cada membro de uma comunidade cultural identifica a si mesmo e também os outros através do uso da linguagem,

³Esta, e as demais citações cujos originais estejam em inglês serão feitas traduções de nossa autoria.

que por sua vez, vêem sua língua como símbolo de sua própria identidade social e de sua cultura.

Toda língua se desenvolve em seu contexto cultural particular se adequando a vivências e experiências sociais, históricas e políticas do povo ou comunidade que a fala. Sobre a maneira em que as palavras são faladas, como mescla de sotaques, uso de gírias e também a estrutura gramatical de uma língua, que são influenciadas pelas práticas culturais e costumes no contexto que a língua é usada, e isso reflete muito a realidade cultural a qual estamos inseridos. Kramsch (1998) sugere que a língua não apenas nos permite expressar experiências, mas que também através dela podemos criar e incorporar experiências. Se trata de quais meios escolhemos para nos comunicar, sejam eles numa linguagem escrita, onde utilizamos uma folha de papel e escrevemos algo para alguém expressando um sentimento ou informação, escrever em um cartaz para expor em algum ambiente, ou a linguagem falada, onde podemos nos expressar e usar nossa fala, seja através de rodas de conversa com amigos, por aparelho de telefone, trabalho, ou outros meios para comunicação.

A perspectiva de Kramsch com a relação entre língua e cultura, é de que a língua é um sistema simbólico que compõe a cultura, por isso que ambas são inseparáveis, porque a língua expressa, incorpora e também simboliza a cultura. Ao reforçar no texto sobre comunidades discursivas, Kramsch define a cultura como libertadora quando aponta que, “a cultura tanto liberta as pessoas do esquecimento, do anonimato, como da aleatoriedade da natureza, e restringe-os impondo-lhes uma estrutura e princípios de seleção.” (1998, p. 6). Nesse momento, a autora sugere que a cultura tanto tem um poder de libertar, quanto de restringir as pessoas. De um lado, a cultura pode ser libertadora porque pode ajudar as pessoas a preservar a memória de uma sociedade e garantir que não sejam esquecidas, prescrevendo normas para comportamento sobre família, religião e política, isso pode ser útil para ajudar as pessoas a tomarem decisões.

Por outro lado, a cultura pode impor uma restrição no comportamento e na liberdade das pessoas, como por exemplo, um tipo de cultura que defende um papel tradicional de gênero para homens e mulheres, isso pode restringir a liberdade de escolha dessas duas classes. Ou por exemplo, dois tipos de grupos distintos como um que utiliza muitas gírias para se comunicar, e outro grupo que usa uma linguagem mais específica, esses dois grupos podem ter significados diferentes, e quem não pertence a esses grupos muitas vezes e certamente não os

compreendem. Muitas vezes o princípio de liberdade e restrição afeta o ser humano na maneira como as imagens, símbolos e metáforas são criadas e utilizadas na linguagem.

Aliado ao plano social, temos o conceito de “comunidades discursivas”, nome o qual Kramsch utiliza em seu texto, que assim podemos entendê-las como pessoas usando o mesmo código linguístico. O conceito utilizado para as comunidades discursivas é de que integrantes de um grupo social usam a linguagem para suprir as necessidades relacionadas à comunicação, e ao que se refere a discurso, seja em aspecto gramatical, ou até mesmo modo de interação com o outro. Em seus trabalhos de pesquisa, Kramsch defende as comunidades discursivas como contextos sociais os quais a língua ganha significado, ela enfatiza uma ideia muito interessante de que aprender uma língua estrangeira não é adquirir apenas normas ou regras gramaticais, mas também participar de forma ativa de uma nova cultura e moldar a própria identidade através dessa participação. Dentro dessas comunidades discursivas podemos identificar alguns aspectos, por exemplo o gramatical no que consiste em padrões específicos de construções gramaticais de acordo com as necessidades comunicativas, o de interação que está de acordo com a forma de como os membros da comunidade discursiva se comunicam.

Esses aspectos só nos mostram o quanto a linguagem é poderosa e precisa para a construção das identidades sociais e como ela se adapta no contexto e nas necessidades de determinados grupos de falantes. As comunidades discursivas atribuídas por Kramsch, também nos oferecem um olhar sobre as comunidades imaginadas, que por sua vez, tratam-se de uma camada essencial à cultura. Sabemos que através da nossa imaginação somos capazes de criar e transmitir histórias, entre outras coisas que nos ajudam a construir a identidade e os valores de uma comunidade. A imaginação nesse sentido, é interessante porque ela pode ser uma habilidade para empatia e compreensão de perspectivas diferentes, cada sujeito possui uma imaginação individual.

Nesse sentido, a imaginação é uma camada vital da cultura que ajuda a moldar a forma como as pessoas pensam, assim como a língua, que de acordo com Kramsch (1998, p. 8) “está intimamente ligada não só à cultura que é e à cultura que era, mas também à cultura da imaginação que rege as decisões e ações das pessoas muito mais do que possamos pensar.” Isso pode nos ajudar a entender melhor as diferentes maneiras de pensar e agir em diferentes culturas e aprender apreciar de maneira respeitosa as diferenças culturais. Além disso, a discussão sobre comunidades imaginadas nos leva a perceber como boa parte daquilo que consideramos como realidade não é algo materializado no âmbito da natureza palpável, mas

sim nas arquiteturas discursivas que nos rodeiam, nos contextualizam, nos tornam humanos e membros de uma determinada comunidade. Daí advém, por exemplo, o âmbito imaginado da nossa identidade nacional.

A linguagem de acordo com Kramsch (1998) é parte fundamental de como interpretamos a realidade sobre o modo em que damos significado para todas as coisas que nos cercam, para ela não existe uma forma correta de falar e compreender uma linguagem, pois, cada sujeito pertence a um grupo, de maneira que tem sua própria perspectiva cultural e histórica de ver e entender as coisas. Partindo dessa ideia de que não há maneira correta de compreender uma linguagem, a autora também nos apresenta um pouco sobre a relatividade linguística. Notamos que para ela, essa relatividade enfatiza a importância de entender as diferenças culturais e linguísticas entre os sujeitos e os grupos sociais não se tratam de variações superficiais, mas diferenças que transformam nossa percepção de mundo. Kramsch (1998) nos elucida a importância de compreender as diferenças culturais para a construção de um mundo mais justo e tolerante, que priorize e respeite a diversidade cultural e linguística.

Sabendo que a relação entre língua e cultura é complexa e dialética, compreendemos também que língua e cultura estão entrelaçadas às identidades de um grupo, quando Kramsch (1998, p. 65), aponta:

Acredita-se amplamente que existe uma ligação natural entre a língua falada por membros de um grupo social e a identidade desse grupo. Pelo seu sotaque, seu vocabulário, seus interlocutores, os oradores identificam-se e são identificados como membros deste ou daquela comunidade da fala e do discurso.

A língua é um conjunto muito importante para a comunicação e expressão cultural, com isso, o uso da língua se atrela a identidade cultural de um indivíduo. Além disso, Kramsch também problematiza em seu livro o mito do falante nativo, que por muitas vezes é tido como um modelo para os aprendizes de língua estrangeira. A autora traz em seu questionamento a ideia de que existe um modelo de falante nativo em relação a todos os outros a serem avaliados. A noção do falante nativo se atrela a uma ideologia monolítica de língua e cultura que ignora a diversidade e as experiências linguísticas e culturais dos indivíduos. Posto isso, a ideia do modelo do falante nativo pode ser construída socialmente, sendo usada também para aprimorar a hegemonia linguística e cultural de determinados grupos. Kramsch empodera os aprendizes a serem questionadores do mito do falante nativo, para que possam reconhecer a diversidade

linguística e cultural como uma herança valorosa, ao invés de lidar com o conformismo de um modelo idealizado e homogêneo.

Sabemos que ainda existe um grau que coloca o falante nativo em uma posição superior ao aprendiz de língua estrangeira, o que leva a esse aprendiz deixar suas origens um pouco de lado e busca aprender uma cultura a qual não lhe pertence, não que isso seja ruim, mas é extremamente importante que esse aprendiz busque primeiro conhecer sua própria cultura, para que depois passe a refletir sobre a cultura da língua que deseja aprender. Partindo dessa ideia, precisamos nos atentar as ideias atribuídas por Kramsch, ela empodera o aprendiz a questionar e desafiar o falante nativo, acredito que, entre a cultura e a língua não deve haver nenhum tipo de grau de superioridade, cada sujeito pertence a um grupo que, se comunica de formas diferentes, usam gírias, possuem sotaques e entre outras coisas que caracterizam seu contexto social. Isso não é errado e nem deve ser discriminado, porque se trata de marcas da nossa própria cultura e isso deve ser respeitado por cada um. Os indivíduos precisam ser reconhecidos tanto na sua identidade individual como na identidade do seu grupo. (KRAMSCH, 1998, p. 82). Portanto, para que haja uma compreensão mútua e respeitosa, é necessário que os professores estejam cientes de envolver os alunos na cultura da língua que se está ensinando. A cultura associada ao inglês é diversa, pois, é uma língua falada em muitos países, partindo dessa ideia, existem muitas estratégias as quais podem envolver os alunos a na cultura associada ao idioma.

Muitos materiais autênticos como sites sobre países de língua inglesa, programas de TV, músicas e entre outros que podem fazer com que os alunos experimentem a língua e cultura real. Estudos de cultura abordando sobre feriados, história, costumes, comidas típicas e tradições. Abrir espaço também para a literatura da língua inglesa, explorando contos curtos, ou até longos para estimular e enriquecer o vocabulário, pensamento crítico, discussão de influências culturais presentes nas obras, aulas temáticas, vídeos abordando entrevistas e entre outros. De certa forma, ao abordar esses materiais, o professor pode envolver o aluno não somente na aula, mas também na cultura da língua para que ele a aprenda de forma significativa.

Essa ideia de empoderamento atribuída por Kramsch, nos leva a desconstrução de estereótipos, pois, os estereótipos podem afetar a maneira de como os aprendizes se comunicam e interpretam a linguagem. Ao interagir com sujeitos de culturas e línguas diferentes, precisamos manter nossa mente aberta para aprendermos e nos adaptarmos. Isso envolve deixar

de lado os estereótipos e qualquer tipo de preconceito e tentar compreender a complexidade e a diversidade da cultura e da língua de cada indivíduo.

2.2 Compreendendo o ensino de língua inglesa a partir de um paradigma intercultural

O termo interculturalidade define a existência de várias culturas e uma troca de interação entre elas, e para que isso aconteça em algum contexto, é preciso que haja sintonia e conexão entre os grupos sociais e linguísticos para que a convivência e o respeito às diferenças aconteçam.

Compreender o ensino da língua inglesa a partir de um paradigma intercultural nos oferece um olhar que valoriza as experiências e interações entre culturas, línguas e formas de vida diferentes das nossas. Gimenez (2006) aponta que para justificar a oferta e pluralidade de línguas, é que aprender uma língua estrangeira nos proporciona conhecer outras visões de mundo para entendermos melhor as nossas próprias. Trata-se de uma perspectiva muito valiosa, pois, usar a abordagem de ensino de língua e cultura abre janelas e abraça a diversidade.

O paradigma intercultural nas aulas de inglês nesse sentido, objetiva desenvolver a capacidade dos alunos a apreciarem a diversidade cultural, pois, nos reflete em abordar a língua inglesa não apenas em um conjunto de regras gramaticais, mas também sobre formas de expressões culturais de identidades. Evidentemente, a sala de aula de Língua Inglesa, ou de qualquer outra língua que esteja ensinando, é e deve ser um lugar o qual tem o dever de proporcionar ao aluno o conhecimento sobre o sistema da língua, sendo, vocabulário, sons de palavras, regras e normas de gramática, mas também, é importante que o aluno conheça uma abordagem sobre a cultura da língua que ele está aprendendo. É diante disso que percebemos a necessidade em se discutir como é a sala de aula intercultural, podendo assim, compreender como pode ser um ensino através de uma abordagem intercultural.

O ensino intercultural, segundo Kramsch (1998), tem por finalidade fazer com que o aprendiz construa pensamentos reflexivos a frente das diferentes culturas as quais lhe são apresentadas. Essas reflexões envolvem aspectos culturais nativos do aprendiz e da cultura da língua alvo, para que eles possam obter experiências e conhecimentos do quê, e de como é ser um estrangeiro. “Assim, a cultura nos perpassa e nos forma como indivíduos tais como somos, constituindo nossa visão de mundo.” (Kramsch 1998, p. 10). Essas palavras revelam o quanto a cultura é importante na formação do indivíduo, e na maneira de como ele vê o mundo.

O objetivo principal de uma sala de aula e de uma abordagem de língua e cultura deve partir precisamente do diálogo entre professores e alunos, assim, podemos citar um tipo de conteúdo o qual o professor invista necessariamente no assunto central sobre uma regra ou norma gramatical do inglês, mas que através desse conteúdo possa ser construído um diálogo ou atividade prática que envolva o aluno para que ele se expresse e participe. Ao utilizar o argumento sobre como é a sala de aula intercultural, consideramos muitos elementos além da troca de interação entre as culturas, sendo estes a sensibilidade cultural entre os participantes envolvidos, podendo assim serem encorajados e sensíveis a diferenças culturais e compreensivos tendo a noção de que as diferentes culturas podem ter visões de mundo e formas distintas de aprendizagem. Além disso, a sala de aula intercultural constrói pontes para um aprendizado colaborativo, o qual os alunos podem “atravessar” e mesclar entre outros grupos possibilitando a cooperação entre as suas diferentes origens e culturas.

Segundo Kramsch (1998) quando se é desenvolvido o ensino intercultural na sala de aula, o aprendente perpassa em comunidades diversas; linguísticas, discursivas, sociais e culturais. Assim como Byram (1997), a autora também defende o desenvolvimento de uma competência intercultural, acreditando que o aprendiz se torne erudito com base nos conhecimentos de historicidade, e a partir do encontro com o outro, descobre quem são.

Diante das interações entre os aprendizes, a sala de aula intercultural também possibilita um espaço de quebra de estereótipos de preconceito, desafiando o próprio preconceito para que haja uma compreensão que ofereça empatia às culturas para que nenhuma seja vista ou considerada superior ou inferior. Assim, compreendemos que a sala de aula intercultural é caminho para um mundo inclusivo, enriquecedor e acolhedor, onde não deve haver espaço para superioridade, seja entre cultura, posição social, raça ou etnia. O mais importante em se aprender sobre a cultura de uma determinada língua, é que cada um constrói a sua de acordo com o seu envolvimento com o mundo e com o outro, são as experiências com o mundo que nos transforma. A cultura é uma construção dinâmica que vai se desenvolvendo com base nas experiências individuais de cada indivíduo e suas interações com o outro, cada um contribui para a construção de sua própria cultura através de experiências.

Para que possamos compreender sobre abordagens de ensino de cultura, apresentamos abaixo três tipos de abordagens sobre a relação de língua e cultura conforme Gimenez (2006).

A abordagem tradicional, a qual o aluno é visto como aquele que necessita conhecer a cultura do outro, ou seja, outra língua e cultura diferente da sua, para que a partir disso, possa compreendê-la e ter um bom desempenho ao fazer uso dessa língua. Nessa perspectiva o aluno deve apenas adquirir conhecimento sobre a língua alvo como conjunto de regras gramaticais e vocabulário, totalmente separado da cultura dos falantes nativos dessa língua. Entretanto, a partir do desenvolvimento da abordagem comunicativa, houve uma mudança no paradigma de ensino de línguas, nessa abordagem que diferentemente da tradicional, coloca os alunos em situações de comunicação real, onde os alunos são capacitados a comunicação efetiva na língua estrangeira e suas situações de cotidiano, com isso se inclui também um aprendizado sobre comportamentos socio-linguísticos e socio-culturais.

A abordagem comunicativa é uma perspectiva que coloca o foco na comunicação efetiva como o objetivo principal do ensino e aprendizado de uma língua. Se trata de uma abordagem que enfatiza na capacidade de usar a língua em situações reais de comunicação, ao invés de somente enfatizar na aprendizagem de regras gramaticais. A abordagem comunicativa na sala de aula é muito necessária porque ela coloca a comunicação como centro na aprendizagem, buscando desenvolver habilidades de comunicação entre os alunos em situações reais da língua, sendo encorajados a se expressar e interagir.

A abordagem da cultura como prática social atende a perspectiva de abordagem comunicativa. Nessa abordagem, a cultura é considerada como modo de agir coletivo em relação a linguagem, que passa a ser vista como modos diretos e indiretos de falar ou de organizar textos. Nessa perspectiva, a cultura influencia diretamente na forma que as pessoas falam, tanto na comunicação verbal quanto escrita, tendo influência nos padrões linguísticos, escolhas de palavras, expressão de sentimentos entre outros.

A cultura como prática social defende a importância da comunicação intercultural e da competência comunicativa, sabendo que as práticas culturais influenciam na forma de comunicação e interpretação de mundo, as pessoas passam a desenvolver estratégias que contribuam para uma interação eficaz entre membros de outras culturas, evitando assim, mal-entendidos, seja em uma troca de diálogo ou em outro contexto linguístico.

Quando o aluno tem uma visão ampla sobre comportamentos, tradições e ações de outros grupos culturais, e ao ser sensível a essas nuances culturais, ele desenvolve a competência intercultural. Nisso, ele não passa apenas a olhar o outro ao seu redor, mas também

passa a olhar para si e entender que para se comunicar com o outro ele precisa enxergar o mundo com olhar que contemple culturas diferentes da sua, ou seja, o mundo estrangeiro. Portanto, é muito importante que o aluno permaneça com o seu paradigma cultural, e passe apenas a conhecer e observar o comportamento, e falas do outro. É através disso que o aluno desenvolve uma competência intercultural, quando ele passa a apreciar e se sensibilizar com o outro, mas que também se orgulhe e valorize sua identidade, essa valorização o tornará empoderado e orgulhoso de suas origens.

Na última abordagem, a intercultural, destacamos uma proposta de Kramsch (1993) que considera não apenas o ensino de língua estrangeira, mas também a cultura associada a essa língua. Para a autora, ao invés de apenas transmitir informações, é uma abordagem que procura definir um círculo de interculturalidade que segue além da transmissão de dados entre as culturas, fazendo uma reflexão entre cultura nativa e cultura alvo. Trata-se de um processo interpessoal, porque a abordagem intercultural ocorre essencialmente através da relação com o outro para que o processo de aprendizagem seja significativo, isso consiste em mostrar as diferenças, pois, sabemos que cada cultura é composta por variedades de gênero, classe social entre outros. Abordamos aqui quatro termos que refletem na abordagem intercultural e sobre como ensinar língua e cultura. Para entendermos melhor esses termos, citamos Kramsch (1993), que propõe:

1. Estabelecimento de uma esfera de interculturalidade, diferente de transferência de informação entre culturas. Inclui reflexão sobre a cultura nativa (C1) e a cultura-alvo (C2).

2. Ensino de cultura como um processo interpessoal – substituir a apresentação/prescrição de fatos culturais e comportamentos pelo ensino de um processo que se aplica ao entendimento do que seja ser “estrangeiro”, ou “alteridade” (otherness).

3. Ensino de cultura como diferença – não tratar cultura como características nacionais como se identidades nacionais fossem monolíticas. Em cada cultura há uma variedade de fatores relacionados a idade, gênero, origem regional, background étnico e classe social.

4. Cruzamento de fronteiras disciplinares – encorajar professores a expandirem seus horizontes de leituras para além da literatura, lendo estudos de cientistas sociais, etnógrafos, e sociolinguistas tanto sobre sua sociedade quanto das sociedades que falam a língua que ensinam.

Posto isso, Kramsch ainda sugere mais quatro etapas, que são estas:

1. Reconstruir o contexto de produção e recepção do texto dentro da cultura estrangeira (C2 e percepções de C2);
2. Construir com os alunos seu próprio contexto de recepção, i.e. encontrar um fenômeno equivalente em C1 e construir o fenômeno na C1 com suas próprias redes de significado;
3. Examinar o modo como as percepções de C1 e C2 em parte determinam as percepções que estrangeiros têm delas, i.e., o modo como cada cultura vê a outra;
4. Preparar o terreno para um diálogo que poderia levar à mudança.

Nesse tipo de abordagem busca-se promover um ensino que incentive os alunos a conhecer as diferentes culturas e que sejam levados a pensar criticamente sobre os significados que ficam por trás das práticas culturais. Como já foi dito anteriormente, uma abordagem intercultural deve ser complexa e sensível, de maneira que o aluno busque conhecer culturas diferentes das suas e através disso possam respeitá-las, considerando a existência da diversidade dentro de cada cultura. Além de tornar o aluno empático, a abordagem intercultural se concentra no diálogo intercultural, construindo pontes entre as culturas. Gimenez (2006) também destaca que essa abordagem deve ser adotada desde as fases iniciais no ensino de línguas, dessa forma, também acredito que essa abordagem deve se integrar o quanto antes na vida do aluno para que ele desenvolva competências interculturais e conhecimento de mundo quando se ainda está “novo”. Gimenez nos aponta que se a língua é cultura, não há razão para deixar o ensino de cultura para quando houver tempo, ou quando o aluno estiver proficiente. Dessa forma, tanto os professores quanto os materiais didáticos precisam se adequar e incorporar perspectivas interculturais. Agregar o ensino intercultural ao ensino dos alunos, busca atribuir um entendimento mais profundo da língua e da cultura dos falantes nativos do inglês e também das demais comunidades que representam essa língua.

Ao refletir sobre essa ideia da importância do paradigma de ensino intercultural para as aulas de língua inglesa, resgato até aqui minha experiência como aluna, que fazia apenas traduções de textos intermináveis que me deixavam bastante entediada nas aulas, e no fim de tudo, não aprendia literalmente nada. Tive como consequência disso, um enorme desinteresse

pela disciplina de Língua Inglesa da minha escola, que, por vezes, não sentia desejo algum de comparecer às aulas.

Durante a minha trajetória nas aulas de inglês desde o 6º ano do fundamental II ao 3º ano do ensino médio, nunca tive o privilégio de participar de algum tipo de projeto pedagógico, ou feira cultural que representasse a língua inglesa. As aulas tinham certas carências as quais até mesmo o professor se sentia entediado às vezes dentro da sala de aula. Assim, tive que estudar a matéria de inglês por conta própria, para que eu pudesse aprender mais sobre o idioma, suas estruturas gramaticais, formas de comunicação, as diferenças entre uma pronúncia e outra, mesmo sabendo não ser uma tarefa fácil. Na época me sentia um pouco desmotivada, porque eu queria muito que os professores buscassem interagir mais comigo e com os meus colegas, mas ao mesmo tempo me sentia determinada a aprender mais o inglês, mesmo sabendo que seria trabalhoso, exige muito esforço e dedicação e compromisso, assim como compreender sobre as culturas que representam a língua que queremos aprender.

O método atribuído era o mesmo, textos longos escritos na lousa para serem traduzidos. Diante dessa carência, percebemos que esses métodos utilizados na época prevaleciam de certa forma, ao qual se desconhecia o valor que a língua representa para a formação do aluno, ao observar aqueles métodos, percebi que havia uma grande falta de conhecimento que tivesse como proposta um aprendizado que pudesse abrir caminhos abrangentes que contemplassem um aprendizado significativo, que se concentra na construção profunda de significado pessoal, baseado numa compreensão profunda que promove a aplicação do conhecimento em contextos reais.

Hoje, muitos professores críticos adotam abordagens mais comunicativas, interativas e centradas no aluno, que enfatizam a comunicação autêntica, que envolve a expressão de pensamentos, sentimentos e informações. Quando as pessoas se comunicam de forma autêntica, elas passam a construir relações saudáveis e produtivas baseadas na confiança e no respeito mútuo. Além da comunicação autêntica, a aprendizagem ativa também é uma abordagem educacional importante que envolve os alunos de forma direta e participativa no processo de aprendizagem, que pode ajudar no desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico e a compreensão da relação entre língua e cultura. Nos ancorando a isso, Byram; Gribkova e Starkey (2002) oferecem compreensões sobre uma competência comunicativa intercultural quando define:

Em contraste, a 'dimensão intercultural' no ensino de línguas visa desenvolver os alunos como falantes ou mediadores interculturais que são capazes de se envolver com a complexidade e múltiplas identidades e evitar os estereótipos que acompanham a percepção de alguém através de uma única identidade. (BYRAM ;GRIBKOVA E STARKEY, 2002, p. 9)

Nesse sentido, Byram; Gribkova e Starkey (2002) nos oferecem uma visão de interculturalidade, ao definir algumas contribuições de que uma competência intercultural é composta por diferentes saberes. Assim, Byram desenvolveu o conceito de *Savoir* que significa (saber), como uma das competências interculturais que os sujeitos precisam desenvolver para que possam trocar experiências com sujeitos de diferentes culturas. *Savoir* se refere ao conhecimento sobre normas, valores e crenças culturais que transformam o modo de como as pessoas compreendem o mundo. O *Savoir* é uma maneira de compreender a interculturalidade a partir de um esquema de mapeamento de competências, exatamente o que compõe o modelo de competência intercultural, conforme Byram; Gribkova e Starkey (2002):

- *Savoir être*: refere-se a atitudes interculturais, curiosidade e abertura, prontidão para suspender a descrença sobre outras culturas e crença sobre a própria.

- *Savoir comprendre*: habilidades de interpretar textos ou eventos de outra cultura, explicá-lo e relacioná-lo com documentos ou eventos da própria cultura.

- *Savoir apprendre*: habilidades de descoberta e interação capazes de adquirir novos conhecimentos sobre uma cultura e práticas culturais e a capacidade de operar conhecimentos, atitudes e habilidades sob as restrições da comunicação e interação em tempo real.

- *Savoir s'engager*: consciência cultural crítica, tendo como capacidade a avaliar de forma crítica com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos em sua própria cultura e em outras culturas e países.

Byram; Gribkova e Starkey definem competências do *savoir* para que possamos entender as normas culturais sobre as formas de como as pessoas se comunicam, sendo esta, uma das competências interculturais mais necessárias para troca de experiências entre pessoas de culturas diferentes. Ao estabelecer essas competências, percebemos que Byram atribui essas habilidades para resolver problemas, para que o aprendiz esteja preparado para lidar com conflitos de situações interculturais, buscando encontrar resoluções construtivas para esses problemas, quando defende que:

Desenvolver a dimensão intercultural no ensino de línguas envolve reconhecer que os objetivos são: dar aos alunos competência intercultural, bem como competência linguística; prepará-los para a interação com pessoas de outras culturas; para capacitá-los a compreender e aceitar pessoas de outras culturas como indivíduos com outras perspectivas, valores e comportamentos distintos; e ajudá-los a ver que essa interação é uma experiência enriquecedora. (BYRAM; GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p. 10).

A sala de aula de língua inglesa é o ambiente ideal para essa troca de experiências enriquecedoras, havendo alunos de origens diferentes, o que não necessariamente é preciso existir alunos de diferentes idiomas, mas, alunos que possuam crenças, ideias, culturas e sotaques distintos. É isso que os torna diferentes uns dos outros, e com isso, fazer com que estes compreendam que acima dessas diferenças culturais, não se deve haver superioridade entre eles, pois, isso se trata de uma questão de identidade única que o indivíduo constrói através das suas experiências de vida e da sua própria cultura.

Ensinar inglês sob uma abordagem intercultural não requer somente transmitir os costumes de um país, mas ensinar de maneira que possam empoderar o aluno, e não torná-lo submisso a um ensino que o prenda a sistemas linguísticos. O professor deve atribuir uma abordagem intercultural ao ensino dos alunos, deixando de lado o conformismo de somente fazer uso de conteúdos que já estão estabelecidos ao livro didático.

Pensar na formação do professor que busque abordagens de um ensino de língua inglesa sob um paradigma intercultural se associa a ideia do professor investigador que precisa dar abertura às situações que possam trabalhar sobre as diferentes culturas entre os envolvidos: alunos, professor e alunos, alunos com a língua inglesa e entre as temáticas que tendem a surgir dentro da sala de aula. Lembrando que fazer essa compreensão do ensino de inglês sob um paradigma intercultural, não necessariamente o professor irá ensinar somente sobre a cultura do país onde se predomina a língua inglesa, mas, o professor deve também ensinar ao aluno uma competência que desenvolva sua consciência crítica, para que o aluno considere diferentes perspectivas e desenvolva empatia e compreensão com relação ao outro.

Segundo Byram; Gribkova e Starkey (2002, p. 32), “portanto, encorajar os alunos a se conscientizarem de suas próprias habilidades em competência intercultural e ajudá-los a perceber que essas habilidades são adquiridas em muitas circunstâncias diferentes dentro e fora da sala de aula.” Fazer com que os alunos compreendam o ensino de língua inglesa sob um paradigma intercultural fortalecerá os conhecimentos de mundo destes não somente no âmbito escolar, mas também fora dele, o que é mais interessante ainda e isso o tornará um indivíduo competente intercultural.

Contudo, percebemos aqui que a língua inglesa expressa multiplicidade de cultura, sendo esta considerada uma das mais influentes no mundo. Quando falamos no processo de aprendizagem de uma nova língua, passamos também pela apropriação da cultura dessa língua, mas não se trata de conhecer somente sobre costumes, lugares, festas e tradições do país que predomina a língua inglesa, se trata também de uma questão de socialização entre os povos, onde o indivíduo seja capaz de viver e valorizar um mundo de modo globalizado. Nesse sentido, a busca pelo outro é fascinante e aproxima as culturas, não há nada mais gratificante do que aprender e ensinar uma língua e cultura estrangeira, e nesse caminho em que percorremos, passamos a adquirir experiências e crescimento humano.

Nesta seção trouxemos compreensões de ensino de língua inglesa a partir de um paradigma intercultural, tecendo informações sobre abordagens de ensino de língua e cultura nas aulas de inglês e também sobre competência intercultural. Na próxima seção, discutiremos sobre práticas interculturais na sala de aula de língua inglesa, explicando o que é uma atividade intercultural e os papéis e interações entre professores e alunos.

2.3 Práticas interculturais na sala de aula de língua inglesa: Compreensões acerca de papéis interativos de professores e alunos

Com base na discussão anterior, esse estudo se atenta à importância de compreender práticas interculturais na sala de aula de língua inglesa acerca de papéis de professores e alunos, ou seja, nos âmbitos metodológicos e interativos, uma vez que esta pesquisa se atenta a uma investigação em contexto real de sala de aula de língua inglesa, sob o modo como o professor e os alunos se envolvem nessas práticas, visto que isso facilita a construção crítica e as interações sociais dos aprendizes. Tendo em vista que as aulas de inglês oferecem um grande espaço para diversidades de encontros interculturais, contendo aprendizes de origens diferentes buscando aprender uma língua de origem diferente, se faz necessário ensinar sobre cultura e interculturalidade dentro do contexto escolar, visto que a escola é um lugar que promove a transformação social dos alunos, pois:

A vivência na escola pode envolver os alunos em práticas de (des)construção de suas percepções sobre o mundo e as comunidades às quais pertencem. Com isso, os alunos poderão desenvolver a capacidade de comparar, criticar e respeitar o outro, ao confrontar opiniões e culturas, e estabelecer relações entre diferentes grupos sociais. Todas essas são habilidades e atitudes importantes para participar efetivamente em um contexto social. (ROSA FILHO, 2015, p. 20)

É importante adentrarmos em alguns conhecimentos que definem essas práticas interculturais nas aulas de inglês, para que possamos reconhecê-las quando são implementadas. Para isso, nos atentamos a: saber o que significa uma atividade intercultural e como as interações entre o professor e os alunos podem ser vistas como interculturais. É necessário nos atentarmos a esses saberes de maneira que a escola possa ser um espaço de aprendizagem e formação social, oferecendo aos alunos experiências de mundo e estimulando a consciência crítica dos aprendizes através de conteúdos e práticas que envolvam realidades sociais e culturais do mundo em que vivem.

Sabendo que a interculturalidade promove a troca de interações, conhecimentos e práticas entre sujeitos de diferentes culturas, precisamos entender o que significa uma atividade intercultural. Para entendermos melhor como essas práticas e abordagens interculturais podem acontecer dentro da sala de aula, nos baseamos em seis objetivos de ensino conforme Rosa Filho (2019) que são:

1. Inclusão da voz do próprio aluno;
- 2.Co-construção de saberes culturais visíveis e invisíveis;
- 3.Consciencialização da existência de formas de ver e de se comportar no mundo cultural e linguisticamente determinadas;
4. Consciência do não essencialismo cultural: evitar estereótipos
5. Consciência das ideologias veladas e da existência de um modelo hierárquico homogeneização e de um modelo hierárquico que apaga as diferenças e os conflitos culturais;
6. Desenvolvimento da "competência criativa": realizar/fazer coisas com repertórios semióticos.

Nos objetivos propostos acima, uma atividade intercultural está relacionada à conscientização e compreensão mútua, o que destaca também a relevância da criatividade como ferramenta para lidar com as complexidades acerca das interações culturais. Uma prática pedagógica intercultural busca fazer com que os aprendizes vivenciem contextos culturais, de modo que possam interagir e explorar vivências. Um ponto importante para uma atividade intercultural, é a escolha dos conteúdos a serem usados na sala de aula, o professor nesse sentido precisa considerar e assumir um papel sensível com relação à realidade de seus alunos e escolher temáticas que explorem as experiências de vida dos mesmos. Para isso, o papel do professor intercultural é de preparar os seus alunos para um mundo diversificado, crítico e discursivo, o professor precisa se desprender do método o qual só ele se posiciona em sala de aula, e precisa oferecer segurança e espaço para os seus alunos, dessa forma, os alunos deixam

de lado o “medo de errar” ao assumir uma posição de fala sobre o conteúdo abordado em sala de aula.

Além de mediador de conhecimento, o professor não deve se mostrar como autoridade dentro da sala de aula, mas como um ser humano experiente e amigável que abre espaço para que os alunos interajam uns com os outros, afinal, se percebermos, o prefixo “inter” de intercultural está relativamente ligado à interação, e é isso que deve haver dentro da sala de aula, interação entre os alunos e o professor. Como diz Byram; Gribkova e Starkey, (2002),

Os professores não podem ser neutros em questões culturais, pois respondem a outras culturas como seres humanos e não apenas como professores de línguas. Eles precisam, portanto, considerar como seus próprios estereótipos e preconceitos podem influenciar subconscientemente seu ensino e quais podem ser os efeitos disso nos alunos. Eles também precisam refletir sobre como respondem e desafiam os preconceitos de seus alunos, não apenas como professores, mas também como seres humanos inconscientemente influenciados por sua experiência de alteridade. (BYRAM;GRIBKOVA E STARKEY, 2002, p. 36)

Dessa forma, propor discussões em grupo sobre temáticas relacionadas a tradições e costumes que podem ajudar os alunos a compreender sobre a sociedade cultural da língua inglesa, além disso, essa discussão pode ajudar o aluno a desenvolver habilidades de comunicação e afiar seus argumentos em inglês. Isso significa que as atividades interculturais podem assumir formas diferentes e podem acontecer em qualquer contexto social e reduz estereótipos e preconceitos entre as diferentes culturas, além de criar um ambiente mais inclusivo onde os alunos envolvidos podem aprender a crescer juntos de forma harmoniosa. As atividades interculturais nas aulas de inglês significam a garantia de um aprendizado que amadurece criticamente a consciência do aluno. Para Rosa Filho (2015, p. 22):

A disciplina de Língua Inglesa (LI) desempenha um papel fundamental neste sentido, pois os alunos terão a oportunidade de se distanciar de sua(s) própria(s) cultura(s), refletir sobre ela e relacioná-la com a(s) cultura(s) LI. Essa experiência permite que eles vejam, analisem e entendam como diferentes concepções de mundo são baseadas nas bases culturais nas quais todos nós somos construídos. Por meio dessas práticas interculturais, os alunos podem se tornar participantes ativos de sua própria transformação social e da promoção de tal práticas irão ajudá-los a construir suas identidades através das experiências sociais desenvolvidas dentro da escola.

Envolver a prática na abordagem intercultural ajuda o aluno a se transformar socialmente, vai fazer com que ele se envolva e tenha contato direto com as culturas que

representam a língua inglesa, e a partir desse contato, ele assume um posicionamento crítico que constrói sua identidade. Práticas interculturais acontecem através das interações entre o professor com os alunos, para isso acontecer, o professor precisa saber envolver a interculturalidade em seus métodos de ensino, é interessante que ele saiba administrar bem esse assunto para que possa repassar para os alunos de forma significativa. No ambiente escolar, é bem comum que professores e alunos possuam pensamentos e perspectivas culturais diferentes, o que inclui referências à língua falada, costumes e tradições. Quando o professor e os alunos discutem atividades que exploram diferenças culturais, eles passam a se envolver num processo intercultural.

As interações entre o professor e alunos podem ser vistas como intercultural quando os alunos podem compartilhar aspectos de sua própria cultura enquanto aprendem a língua. Dessa forma, o professor pode estimular essa troca cultural, fazendo questionamentos e promovendo discussões culturais entre os alunos, assim, a aula se torna um espaço para desenvolvimento da competência intercultural que é a capacidade de interagir com alunos de diferentes culturas. Considerando a importância em se desenvolver práticas interculturais na sala de aula de inglês, pontuamos aqui a necessidade em envolver perspectivas interculturais na formação de professores, assim, a escola constrói pontes de acolhimento a diferenças no contexto escolar. Isso significa que, ao assumir uma postura intercultural, o professor transforma sua prática de ensino e sua postura acerca das diferenças sociais e culturais. Por esta razão, a formação do professor baseada em práticas interculturais é crucial, considerando assim didáticas criativas que contemplem a aprendizagem do aluno.

Existem muitos tipos de propostas metodológicas interculturais que podem ser incorporadas na sala de aula de língua inglesa, que podem incluir materiais autênticos da cultura da língua inglesa como livros com histórias, contos, músicas e filmes que ajudem o aluno a compreender melhor a cultura, a escrita, a língua que estão estudando, atividades que encorajem os alunos a compartilharem suas próprias experiências culturais para que possam aprender com as experiências uns dos outros. A partir do momento que o professor abre espaço para que o aluno exponha suas ideias dentro da sala de aula, outros alunos tomarão isso como ponto de partida para expor e dividir suas experiências também.

Essas propostas metodológicas oferecem saberes capazes de tornar o aprendiz maduro, isto é, torná-lo curioso, capaz de demonstrar interesse perante as experiências de vida e perspectivas do outro. A ideia dessa proposta é fazer com que o aprendiz seja crítico, mas também compreensivo e que saiba reagir de forma positiva aos discursos e costumes a cultura

de seu semelhante, e a partir disso, seja capaz de relacionar essas experiências com o seu próprio modo de ver e estar no mundo. Segundo o autor (1997:p.9) esse aprendiz assume-se como:

"Alguém que é capaz de ver as relações entre diferentes culturas - tanto internas como externas a uma Sociedade - e é capaz de mediar, isto é, interpretar cada uma em termos da outra, seja para si ou para outras pessoas. tem uma compreensão crítica ou analítica de (partes da) sua própria e de outras culturas - alguém que está consciente da sua própria perspectiva, da forma como o seu pensamento é culturalmente determinado, em vez de acreditar que a sua compreensão e perspectiva são naturais”.

Desse modo, o modelo atribuído por Byram (1997) é tornar o aprendiz intercultural preparado para saber se comunicar de forma e em situações apropriadas, o tornando também capaz de estabelecer relações positivas. Para se assumir como falante intercultural, o aprendiz deve abrir espaço para si mesmo, manifestando curiosidade, atitude e consciência crítica para desconstruir descrenças sobre a cultura do outro e também da sua cultura, permitindo que ele se sinta capaz de desenvolver habilidades de saber interpretar acontecimentos pertencentes a outra cultura, para que a partir disso, ele possa relacioná-los com a sua cultura. O ensino intercultural nas aulas de inglês tem um significado valioso para a aprendizagem, pois, além de ensinar um novo idioma, esse ensino tem o potencial de ser transformado em um recurso que proporcione a convivência pacífica entre professores e alunos, o que tornará os alunos mais maduros, transformando uma democracia entre eles.

Uma sala de aula é composta por alunos que trazem diversas origens culturais, perspectivas de aprendizagem e experiências, e os papéis dos alunos devem ser de participantes ativos e transmissores de suas experiências. Partindo disso, é preciso que os professores sejam capazes de entender a cultura de cada um, por exemplo, como quando é pedido para que alunos escrevam algum texto ou falem sobre alguma experiência de vida, e sendo estes alunos pertencentes a origens culturais diferentes das do professor e dos demais alunos, claramente vão produzir trabalhos de acordo com o que aprenderam em seu contexto cultural, e para que não haja desentendimentos os quais esses trabalhos contenham linguagem, seja escrita ou falada considerados “errados” ou inapropriados, os professores e a escola precisam ser competentes interculturais que possam reconhecer e valorizar as diferentes origens culturais e as perspectivas diferentes dos alunos.

Nesse sentido, o papel de professores e alunos numa sala de aula intercultural é o de procurar manter o foco em construir pontes entre as culturas envolvidas no espaço da sala de aula, onde todos se sintam envolvidos, capacitados e envolvidos para contribuir. Acredito que

os papéis tanto do professor quanto dos alunos tenham que buscar a aprender sobre a diversidade e promover um ambiente de respeito.

Contextualizando, as práticas interculturais na sala de aula de língua inglesa ajudam a tornar a aprendizagem dos alunos significativa, permitindo que sejam apresentados a diferentes perspectivas, sendo estas, ideias e práticas culturais. Ao incorporar elementos culturais diversos, os alunos passam a compreender melhor a cultura da língua que estão aprendendo. Falar dessas práticas interculturais na sala de aula é um assunto muito pertinente, a sala de aula é um espaço que agrega muitos sujeitos que carregam diferentes culturas, estamos vivendo em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, onde o contato com outras culturas é inevitável.

Além disso, a exposição à cultura da língua inglesa pode ajudar os alunos a desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais, tais como a empatia, a tolerância, a flexibilidade e a curiosidade. Portanto, as práticas interculturais são um assunto pertinente e relevante na educação, especialmente na aprendizagem de línguas estrangeiras, e devem ser incorporadas na prática pedagógica dos professores para ajudar a preparar os alunos para o mundo globalizado e diverso em que vivemos.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A fim de responder a pergunta de pesquisa deste trabalho, apresentamos neste capítulo os aspectos metodológicos que a fundamentam. De início, abordamos a natureza da pesquisa, a qual classificamos como um estudo de abordagem qualitativa e de cunho etnográfico (subseção 3.1); após isso, descrevemos o contexto da investigação (subseção 3.2) os participantes da pesquisa (subseção 3.3); descrição dos instrumentos utilizados na pesquisa (subseção 3.4) por fim, apresentamos a descrição das estratégias para análise de dados (subseção 3.5).

3.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa e de cunho etnográfico. Isso significa que tivemos como objetivo compreender e descrever a cultura e os comportamentos dos participantes que compuseram essa pesquisa. Neves (1996), aponta que a obtenção de dados descritivos acerca do contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo é uma das principais características da pesquisa qualitativa. Desse modo, classificamos essa pesquisa como qualitativa porque designou um contato direto e real entre os participantes, o contexto e a situação que foram investigados, atentando aos acontecimentos a partir de informações entre os participantes para obter os maiores elementos possíveis das situações nos episódios ocorridos durante a investigação. A partir da pergunta central desta pesquisa a qual questiona: *como podemos reconhecer práticas de interculturalidade no contexto de sala de aula de língua inglesa?*

Entendemos que as respostas para esse questionamento não emergem a partir de dados numéricos, mas a partir de um processo que envolve elementos pessoais, perceptivos, e interpretativos do pesquisador a partir de uma realidade descrita. Nessa abordagem, o pesquisador busca compreender as situações acerca das perspectivas dos participantes, por meio de técnicas de interação, como questionários, e observação participante com os sujeitos da pesquisa.

Também configuramos essa pesquisa como sendo de cunho etnográfico, uma vez que atribui conhecimento ao participante acerca das interações entre sujeitos e suas identidades num devido contexto. Para compreendermos melhor o trabalho etnográfico, nos baseamos em André (1996), ressaltando que o estudo etnográfico permite o pesquisador a “entender como se processam os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças,

modos de ver e de sentir a realidade e o mundo”. (p. 34). É possível entender que, ao se aproximar de um determinado contexto, o pesquisador passa a observar, estudar e analisar determinadas situações, na tentativa de entender as relações entre os sujeitos e suas culturas. Além de ser uma prática que tem como objetivo observar um determinado contexto cultural, a pesquisa etnográfica também é usada para descrever o outro através de uma ótica interna.

Desse modo, ao fazer uma pesquisa etnográfica, é preciso que o pesquisador seja cuidadoso sobre o modo de como ele trabalha na sua investigação, além de ser um tipo de pesquisa mais longa no contexto investigado, se trata de uma descrição alheia em contexto alheio, o que por vezes, surge o medo de errar. Ancorando-se a expressão “medo de errar”, Schefer (2015) afirma que “o medo de “errar” com essa metodologia, possivelmente, é o que tem gerado uma nomenclatura plural e “descomprometida” para estudos dessa natureza, como: pesquisas de viés, de cunho, de inspiração, de tipo etnográfica(o).” (SCHEFER, 2015, p. 105). Desse modo, o pesquisador passa a conhecer o lugar através dos pontos de vista dos grupos de pessoas investigadas, dando assim, voz a esses sujeitos locais. Como já foi falado anteriormente, é um tipo de pesquisa que deve ser muito cuidadosa, o participante não pode ser invasivo, a ideia é fazer com que os sujeitos investigados apareçam como os protagonistas, resgatando interação entre eles. A pesquisa etnográfica exige tempo e pode ser um processo longo e complexo exigindo tempo e dedicação do pesquisador, por outro lado, é uma abordagem que fornece uma compreensão profunda e rica da cultura e do comportamento humano.

3.2 O contexto de investigação

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma escola do interior do RN. Trata-se de uma escola de Zona Urbana que foi escolhida como contexto de pesquisa por se tratar de uma instituição pública, que além de atender a população urbana, também atende a comunidades rurais, que nela encontramos grupos de diversos estudantes.

No geral, segundo a diretora da escola, pelo menos 406 alunos são matriculados por ano. A escola possui série do Ensino Fundamental II e Ensino Médio completo, abrangendo turmas do 6º ao 9º ano do fundamental II e turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A escola oferece apoio pedagógico de secretários (a), bibliotecário (a), diretor (a) e vice-diretor (a), psicopedagoga, merendeiras e porteiro.

A escola também dispõe de 8 salas de aulas, sala de diretoria, sala de leitura, banheiro adequado à alunos com deficiência, almoxarifado, 1 cantina, banheiro com chuveiro, área

verde, auditório e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Também dispõe de uma quadra de esportes coberta fora da escola para aulas de educação física, espaço para lazer, ou até mesmo eventos realizados pela escola.

3.3 Participantes da pesquisa

Para o desenvolvimento da nossa investigação, selecionamos a turma do “1º ano A” do Ensino Médio da Escola Estadual Antônio Francisco, que conta com 40 alunos, (lembrando que nem todos compareceram aos episódios, no máximo 30 alunos) estes com idades variadas entre 14 e 18 anos e diversas identidades distintas. A turma é dividida entre alunos da Zona Rural e da Zona Urbana e tem uma característica marcante de ser muito participativa. Além disso, foi percebido que a turma possui uma boa relação com o professor regente de língua inglesa da escola, e com os demais professores, essas informações foram notadas no decorrer das observações. Elencamos a turma considerando o número de alunos, os quais possuem identidades diversas, pois a turma é dividida entre alunos de zona rural e zona urbana, sem contar com alguns alunos vindos de uma outra escola. A faixa etária também foi um fator relevante, se tratando da idade a qual os alunos caminham para fase de intensificar seus estudos, suas percepções críticas e atividades sociais, passando a conhecer mais sobre o mundo. Além disso, ao chegar no 1º ano do Ensino Médio, os alunos passam a aprender o inglês de uma forma mais aprofundada acerca dos anos anteriores.

É importante também levarmos em consideração a mescla de que alguns desses alunos possuem bastante experiência na disciplina de Língua Inglesa acerca dos seus anos anteriores na referida escola, uma vez que já têm contato com a disciplina de língua inglesa desde o 6º ano do Fundamental II. Para outros, a experiência foi pouco diferente porque alguns desses alunos são novatos que migraram de uma outra escola, que fica no mesmo local da do contexto de investigação, esses alunos migraram dessa escola porque ela abrange somente o ensino Fundamental II.

Numa pequena conversa informal na saída da escola com esses alunos, questionei suas impressões sobre a nova escola e os novos professores, obtive respostas bem positivas as quais narraram de forma emotiva gostar bastante dos métodos utilizados por todos os professores que formam a escola. Este primeiro contato com a turma foi proveitoso porque estava muito receosa em ser vista como “intrusa”, mas, me senti acolhida.

O professor regente da turma me abriu espaço suficiente para poder me apresentar e conversar melhor com a turma. Logo de início, também pude observar que alunos possuem identidades diferentes, pois a sala é dividida entre alunos de Zona Rural e Zona Urbana. Além

dos alunos, o professor efetivo de Língua Inglesa da escola também é um dos participantes essenciais para a nossa pesquisa. Ele é uma figura de exemplo, sempre estudou em escola pública. O professor possui Graduação e Especialização em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Campus Mossoró. Em 2018, teve o privilégio de fazer um curso com formação e desenvolvimento de metodologias de ensino de Língua Inglesa nos Estados Unidos da América.

3.4 Descrição dos instrumentos utilizados na pesquisa

Utilizamos dois instrumentos: questionários impressos, um para o professor e um para os alunos, e a observação em sala de aula acompanhada por gravações. Lembrando que as gravações foram feitas somente para que depois as notas de campo pudessem ser revistas, ou seja, para poder descrever melhor os episódios. Essas gravações não foram utilizadas com o objetivo de fazer uma transcrição direta das interações de sala de aula.

3.4.1 Questionários

Os questionários serviram para acessar identidades e algumas informações dos alunos e do professor, acessando suas opiniões podendo assim compreender a relação do professor e dos alunos com a disciplina de língua inglesa. Para esta pesquisa, elaboramos dois questionários, um para o professor regente de língua inglesa, e um para os alunos. No questionário do professor, elaboramos 18 questões, algumas relacionadas ao perfil participante, a fim de acessar algumas informações necessárias sobre identidade, e as demais abordavam questões relacionadas a seus métodos de ensino de língua inglesa, e também sobre a forma de como ele lida com as situações decorrentes na sala de aula.

O objetivo era acessar as práticas narradas do professor, investigando se essas respostas já nos permitiam observar a interculturalidade no discurso sobre sua própria prática. O questionário dos alunos, contendo 10 questões, se inicia também com questões de perfil dos participantes, mas se difere um pouco do questionário do professor com relação às outras questões. Enquanto o do professor aborda questões relacionadas ao seu método ou abordagem de ensino de língua inglesa, o dos alunos se refere às tarefas de aprendizagem de língua inglesa e sobretudo o que eles pensam sobre a disciplina. Aqui, tínhamos como enfoque investigativo a possibilidade de encontrarmos paradigmas de práticas interculturais a partir da percepção do professor e dos alunos. Ambos os questionários foram impressos e aplicados dentro da sala de aula.

A ideia dos questionários impressos surgiu pelo fato de que queríamos entrar e estar em contato maior com as narrativas dos participantes através de suas escritas, sendo esta uma das formas de comunicação bem expressiva, e também fazer com que através das questões, eles refletissem dentro da sala de aula sobre a matéria de língua inglesa e suas práticas. Foi considerado também a falta de acessibilidade de alguns alunos. O professor com sua imensa generosidade me concedeu um tempo para que pudesse aplicar os questionários, tanto para ele, quanto para os alunos, assim podendo tirar eventuais dúvidas e podendo recolher no mesmo dia da aplicação.

Nesse sentido, o questionário dos alunos teve como objetivo acessar informações com relação a questões interculturais na aula de língua inglesa, pois, questionamos se os alunos conseguiam expressar suas opiniões críticas na sala de aula, e também, sobre se a habilidade crítica deles é estimulada nas aulas. O questionário do professor teve como objetivo acessar informações sobre as suas práticas relacionadas ao ensino de língua inglesa, que também aborda questões culturais sobre como o professor consegue apresentar a sua opinião, como ele ouve a opinião de seus alunos, as tarefas que ele propõe e se ele procura despertar experiências e habilidades críticas em seus alunos. É interessante ressaltar aqui que em nenhum momento citamos o termo interculturalidade nos questionários, preferimos gerar opiniões dos participantes abordando questões mais simples sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa. Pois, foram através dessas opiniões que buscamos traçar e encaminhar elementos que se encaixam ao paradigma intercultural, afinal, nossa pesquisa se atrela a investigar a interculturalidade na sala de aula através das práticas participantes.

3.4.2 Observação de aulas com notas de campo

A observação das aulas permite que o pesquisador documente e descreva as ações e as ocorrências que são importantes para os termos de investigação. Isso consiste em registrar vários episódios que acontecem dentro da sala de aula, a fim de obter dados e informações as quais possam ser analisados posteriormente. Diante disso, trazemos aqui dois exemplos de observação segundo Santos (1994), se trata da observação participante e da observação não-participante. A divergência entre elas está relacionada ao papel que é assumido pelo pesquisador durante seu processo de observação. De acordo com a autora, o papel do observador participante, obviamente dito, é de se integrar com os grupos buscando um envolvimento máximo com o observado. Ou seja, o papel do observador participante, obviamente dito, é de se envolver diretamente com o contexto e a situação pesquisada, o tornando como um participante ativo das

atividades. Já o observador não-participante não participa do grupo investigado, e evita qualquer tipo de interação com esse grupo.

Diferentemente do pesquisador participante, o não-participante mantém sua postura distanciada, ou seja, ele se limita a observar e a documentar as ações e ocorrências sem participar de forma ativa das atividades ou interagir diretamente com os participantes.

No contexto da nossa pesquisa, utilizamos o método da observação não-participante, o que significa que optamos por uma postura dentro da sala de aula mais objetiva e distanciada, focando apenas na observação e no registro dos episódios ocorridos em sala de aula. Se trata de uma escolha adequada para nossos objetivos e abordagens de pesquisa. As observações estão acompanhadas de gravações das aulas, o que inclui as notas de campo. Como foi falado anteriormente, essas gravações foram feitas somente para uma revisão mais detalhada sobre as cenas de sala de aula que foram observadas, e não para fazer transcrições diretas das interações de sala de aula.

Essas gravações foram feitas tanto com a permissão do professor e dos alunos, pois, foi garantido que nenhuma imagem seria exposta. No início, e durante os dias de observação no contexto da pesquisa, tive um momento de conversa clara esclarecendo que manteria em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término da investigação, todos os dados que identifiquem os participantes da pesquisa afirmando que todos os registros serviriam apenas para questões documentais da pesquisa. Após a conversa, os participantes também foram informados que deveriam responder um questionário com informações simples, não precisando se identificar. Dessa forma, compomos os participantes, pois todos aceitaram participar, e também por questões éticas, foram entregues aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que comprovasse o consentimento de todos da participação na pesquisa.

As aulas foram observadas com o objetivo de investigar e verificar a sala de aula de língua inglesa sob aspectos que caracterizem a presença de uma abordagem que contemple a interculturalidade sob aspectos teóricos e metodológicos na postura e nos conteúdos utilizados pelo professor e sobre como são as interações alunos baseadas nisso, podendo assim observar uma ampla variedade de perspectivas, estilos de aprendizagem e experiências.

Esses aspectos incluem, a diversidade, porque a sala de aula oferece uma mescla entre culturas, como as origens, etnias, religião, orientação sexual entre outros. Foram avaliados

também aspectos de interação principalmente, quando os alunos interagem uns com os outros e também com o professor de maneira que se conheçam e respeitem suas diferenças. A comunicação entre professor e alunos também foi um aspecto crucial observado, porque é por meio da comunicação que levamos em conta as diferenças culturais através da linguagem e troca de falas e experiências. A prática pedagógica usada pelo professor também foi um aspecto importante porque é por meio dessa prática de ensino que o professor utiliza estratégias que valorizam e reconhecem as diferentes necessidades e estilo de aprendizagem dos alunos. Por tanto, usamos esses aspectos como norte para esta pesquisa, pois, estes englobam perspectivas interculturais dentro da sala de aula.

A partir das experiências vivenciadas e traçadas, descrevemos a partir da nossa observação as impressões participantes, sobre a forma de como os alunos lidaram com as situações durante o trajeto da pesquisa, desde a presença da pesquisadora à participação na sala de aula para coleta e geração de dados.

3.5 Descrição das estratégias para a análise de dados

Nossa análise seguiu uma abordagem interpretativista, sob uma perspectiva teórica. Trata-se de um tipo de análise que se refere à compreensão de interpretação através das ações e das interações humanas. Na análise interpretativa, o pesquisador utiliza a abordagem qualitativa, uma vez que para coleta de dados, se envolve entrevista ou observação participante, sendo este o caso, para compreender como os sujeitos utilizam significados a suas experiências e como esses significados são transformados por fatores históricos, sociais e culturais. Dessa forma, interligamos a análise interpretativa com a abordagem qualitativa porque ambas seguem a mesma linhagem.

De acordo com Dörnyei (2007) dados qualitativos são usados por muitos estudiosos para descrever e investigar mais livremente, envolvendo especulações imaginativas e exploratórias com base nos dados gerados. Outros a usam para estudar uma realidade de uma maneira mais estruturada e dedutiva. Desse modo, considero uma análise interpretativa inerentemente subjetiva, porque é um tipo de análise que depende do ponto de vista e das experiências do pesquisador, a partir do momento em que o pesquisador usa sua interpretação, ele tenta compreender como os diferentes sujeitos ou situações se relacionam com o mundo ao seu redor. Portanto, denominamos nossa análise como interpretativista porque direcionamos nossa investigação para um contexto real de sala de aula de língua inglesa, com a finalidade de interpretar e descrever tudo o que aconteceu, desde as interações entre os sujeitos envolvidos,

professor e alunos, até as estratégias metodológicas, participação ativa e os conteúdos abordados.

A fim de sistematizar o nosso olhar investigativo em sala de aula, com o objetivo de compreender se e como a interculturalidade acontece naquele espaço, é pensar que a interculturalidade consiste na interação entre todos os sujeitos de uma sala de aula, incluindo o professor, os alunos, como entre os alunos entre si, ou os alunos com os textos que são estudados.

Dentro da sala de aula, a interculturalidade é uma construção coletiva que pode ser facilitada pelo professor quando abre espaço para a participação ativa dos alunos, mas não depende exclusivamente dele. Esses episódios foram utilizados como instrumento principal de orientação e reflexão para essa pesquisa, uma vez que nosso campo de investigação é a sala de aula de língua inglesa e seus integrantes, alunos e professor. A partir disso, iremos nomear cada episódio ocorrente, e descrever cada situação ocorrida na sala de aula, com o objetivo de compreender a interculturalidade como um construto relacional, ou seja, que se estabelece a partir das relações entre os sujeitos.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tendo como objetivo central compreender *se e como* práticas pedagógicas na sala de aula de língua inglesa contribuíram para o desenvolvimento intercultural crítico dos alunos de língua inglesa de uma turma de 1ºano do ensino médio, este capítulo procede com relação às análises dos dados da pesquisa apresentando uma reflexão a partir das vivências experienciadas no decorrer das observações dos episódios das aulas investigadas. A fim de traçar as vivências e experiências interculturais em sala de aula, observamos um total de três (3) aulas/episódios em sala de aula. A sistemática desse capítulo consiste em descrever as aulas que foram observadas, e através dessas descrições, seguiremos para a análise dos elementos que compõem a investigação e nos encaminhamos para a resposta da seguinte pergunta que orientou esse estudo: *como podemos reconhecer práticas de interculturalidade no contexto de sala de aula de língua inglesa?*

Em alguns momentos da nossa análise, serão apontadas algumas respostas/narrativas do professor participante da pesquisa e de alguns alunos, não usamos as narrativas de todos os alunos, porque grande parte dessas narrativas atentaram somente a termos “Sim” e “Não” como resposta. Dessa maneira, selecionamos somente as narrativas com ideias mais construtivas, as quais emergiram a partir dos questionários implementados. A narrativa dos participantes servirá para complementar a nossa análise.

Buscaremos mostrar aqui a interculturalidade em cenas de sala de aula, mediada pelas atitudes pedagógicas do professor e interação dos alunos. Dessa forma, apresentamos a análise e discussão dos dados nos atentando para os dois objetivos específicos desta pesquisa: 1) investigar as narrativas do professor e dos alunos à luz do paradigma intercultural; 2) investigar *se e como* as práticas do professor e dos alunos na aula de inglês correspondem a um paradigma intercultural. Partindo desses objetivos, decidimos notificar o professor de inglês regente da escola que iríamos somente investigar a sua sala de aula, seus métodos de ensino e suas formas de interação com os seus alunos, de modo que não enviássemos suas respostas. Foi interessante notar que, se em uma conversa com o professor regente houvesse um aviso prévio de que estaríamos buscando perspectivas interculturais nas suas aulas, talvez, ele poderia mudar seus métodos de ensino somente pela presença da pesquisadora.

Em relação ao meu papel como pesquisadora, procurei ter o cuidado de não assumir uma postura "intrusa" no trabalho do professor. Meu papel foi investigar, registrar e interpretar momentos a partir das minhas observações e interpretações diante de tudo aquilo que pude presenciar. Diante dessas observações na sala de aula de língua inglesa, descrevemos logo

abaixo os episódios investigados da maneira de como tudo aconteceu. A fim de sistematizar situações de análise, todas as aulas foram descritas e analisadas a partir dos seguintes aspectos: relação entre professor e alunos, estratégias metodológicas e materiais pedagógicos utilizados, desde tarefas, livros didáticos entre outros recursos visíveis de uma prática pedagógica a qual possamos classificar como intercultural. Abaixo, apresentamos a descrição e análise de cada episódio observado, com subseções para cada episódio específico, visto que facilita a compreensão de leitura do material e torna a transição entre a descrição e a análise dos episódios mais fluida, e por último, serão apresentadas as considerações finais deste trabalho.

4.1 Descrição e análise dos episódios

4.1.1 Episódio 1 - Classroom's around the world

Descrição

O primeiro encontro com a turma e com o professor aconteceu no dia 12/05/2023 das 09:50 às 11:00 da manhã. São duas aulas que acontecem toda sexta-feira. Inicialmente, tive a oportunidade de me apresentar formalmente explicando qual seria minha função na sala de aula. Foi um momento muito importante, havendo uma interação com eles. Após isso, o professor deu início a aula com uma atividade de *Warm-Up*, que consiste em uma atividade de aquecimento não avaliativa, que segundo o professor, se trata de uma atividade que requer a participação dos alunos. A fala do professor sobre essa atividade foi muito interessante, porque para ele, em suas aulas, os alunos não devem ter medo de errar, o importante é que eles participem. Nesse momento, foi notório perceber que o professor não se utiliza de um método de ensino que apenas transmite, mas que também acolhe e requer a participação e a contribuição dos alunos durante as aulas. Para ele, a interação dentro da sala de aula é essencial.

A atividade de aquecimento teve a duração de uma aula. Para esse momento, ele utilizou um ditado curto com dez palavras em inglês com o objetivo de revisar palavras novas do inglês, ou revisar palavras que os alunos já conhecem, ressaltando a aprendizagem da linguagem falada, onde primeiro o aluno escuta e depois aprende o “Spelling” ou a grafia da palavra. Cada palavra do ditado era repetida 3 vezes sob o comando do professor para que os alunos as escutassem bem, assim depois passando a escrever cada uma delas em seus cadernos.

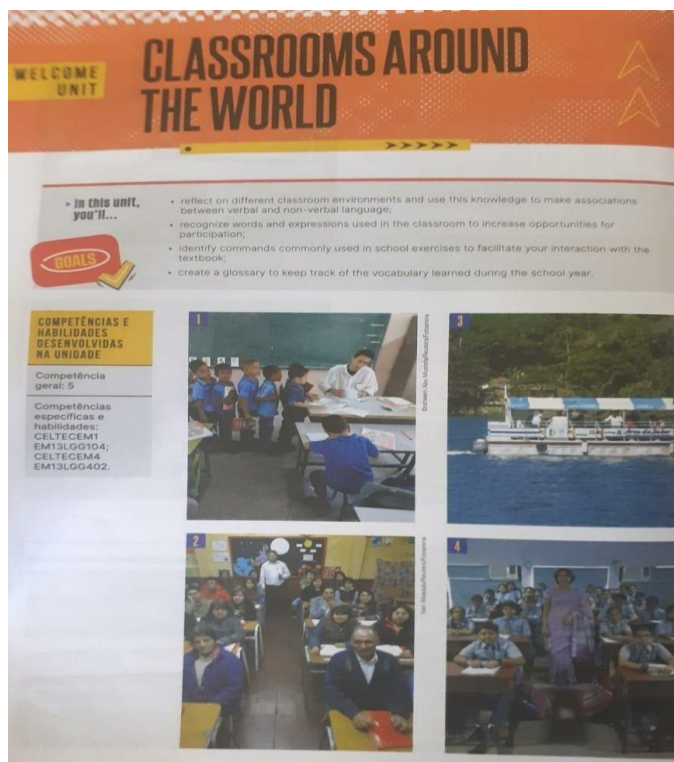
O professor pronunciou cada uma das palavras do ditado bem devagar e pedia para que os alunos repetissem também, estimulando a pronúncia deles. Depois de ditar as palavras, o professor pediu para que os alunos fizessem comparações de suas escritas com as dos seus

colegas, esse momento foi bem interessante porque os alunos conversaram bastante entre si ao comparar as palavras uns com os outros. Para encerrar a atividade de *Warm-Up* o professor fez em um pequeno momento que alunos também praticassem o "Spelling". A parte mais divertida foi a forma de como o professor lidou com os alunos quando alguns esqueceram o som das letras, como por exemplo, quando um aluno esqueceu de pronunciar o som da letra "S" o professor pediu para que imitasse o barulho que a cobra faz, o aluno reproduziu o barulho e relembrou o som da pronúncia.

O mais interessante de se notar naquele momento foi que o professor busca sempre ajudar o aluno da melhor forma e simples possível, e faz com que os alunos se sintam à vontade sem intimidá-los. Na segunda aula, o professor deu início ao conteúdo da unidade do bimestre, utilizando o livro didático cuja temática abordava "*Classroom's around the world*" a partir do qual o professor fez com que os alunos refletissem sobre diferentes ambientes de sala de aula, e de como esses ambientes podem impactar a aprendizagem. Para isso, o professor pediu para que os alunos abrissem o livro na página 24/25 e observassem 4 imagens para que dissessem quais pontos em comum as imagens possuíam.

Foi nítida a curiosidade dos alunos que observaram bastante as imagens e o professor a todo momento cobrava a participação deles. Alguns formaram duplas porque a maioria não levou o livro didático, e outros para debater entre si. As 4 imagens continham tipos de salas de aula diferentes, como diferenças de vestimentas de estudantes, personalidades, estruturas de sala de aula diferentes entre outras coisas mais. Ilustração da página da atividade do livro mostrada abaixo:

Figura 1 - Classrooms around the world



Fonte: Coleção New Alive High: Língua Inglesa - Ensino Médio - Manual do professor. volume 1, p. 24 (BRAGA; RACILAN; GOMES 2020)

Com base na atividade, o professor lançou algumas perguntas orientadoras sobre o que havia nas imagens, o que aquelas imagens significavam, se as imagens eram idênticas ou não. Diante dos questionamentos, os alunos citaram bastantes exemplos como as diferenças de estruturas das salas, as vestimentas, citaram sobre as diferenças dos uniformes entre outros. De acordo com as respostas dos alunos sobre essas diferenças de estruturas nas imagens, o professor utilizou o quadro abordando frases como: *"They have different infrastructure"* e quando os alunos falaram das diferenças entre as vestimentas em cada imagem, perceberam que só nas imagens 1 e 4 os estudantes usavam uniforme, que em inglês o professor também escreveu no quadro *"Students wear uniforms"* e explicou que na estrutura do inglês quando se fala de vestir ou calçar, usa-se o verbo *"wear"*, não colocando o verbo *"use"*, pois estaria semanticamente incorreto. Durante essa explicação, o professor se movimentou pela sala exemplificando o uso do verbo *"wear"* e descreveu o modo como estava vestido.

Para finalizar, o professor abordou um pouco de gramática, fazendo uma espécie de revisão, pedindo muita atenção aos alunos. De uma forma bem sucinta, abordou sobre a regra do *"There is"* and *"There are"*, abordando que essa regra informa o verbo de haver, ou existir. Ele também explicou como usar essa regra de forma negativa e afirmativa, e usou frases para

aclarar melhor a compreensão dos alunos. Por último, o professor aplicou uma lição de casa para que os alunos praticassem sobre essa regrinha, o “*There is*” e “*There are*”, assim, finalizou a aula.

Análise do episódio 1

Nas análises das descrições buscamos aspectos interculturais a partir da relação entre alunos e professor, estratégias metodológicas, e materiais pedagógicos utilizados a fim de definir *se e como* a interculturalidade acontece na sala de aula. No primeiro episódio, notamos que há uma boa relação entre o professor e os alunos, percebemos que o professor de fato trás os alunos para o centro das aulas, e existe uma prática dialógica entre eles, podendo perceber um aspecto intercultural acontecendo dentro da sala de aula na maneira como o professor se relaciona com os alunos, estimulando-os à participação. Nas estratégias metodológicas o professor seguiu em um modelo estrutural, que focou em gramática e construção de frases em inglês, não nos embates de ideias dos alunos e suas subjetividades. Em relação ao material pedagógico, analisamos o livro didático, especificamente na parte que é ilustrada na descrição abordando sobre “*Classroom’s around the world*” e percebemos que a preocupação trazida no livro envolve questões socioculturais e diferentes comunidades de modo que os alunos pudessem fazer relação com suas próprias comunidades. Vale lembrar que não estamos fazendo uma análise de como existe um potencial intercultural no próprio livro didático, mas estamos citando elementos existentes na parte do livro que podem ser explorados e utilizados pelo professor, podendo ser encaminhados a aspectos metodológicos e tarefas interculturais, afinal, o livro é uma ferramenta orientadora para o professor conduzir as atividades na sala de aula.

A abordagem intercultural compreende que ensinar língua estrangeira é ir além de uma informação sobre léxico gramatical, pronúncia, e páginas de livro didático. O ensino de língua estrangeira deve buscar a competência comunicativa intercultural, o que concerne na capacidade de uma comunicação significativa entre pessoas de diferentes culturas, promovendo compreensões sobre diferenças culturais, valores, comportamentos, experiências e perspectivas de outras pessoas. Diante disso, percebemos que nesse episódio, o professor não foi além das sentenças gramaticais, preferindo assim se prender a aspectos sistêmicos da língua inglesa. Ao tratar de competência intercultural, trago palavras importantes de Kramsch (1993) que nos mostra a importância da busca em apropriar-se de uma abordagem intercultural no ensino de língua estrangeira, quando diz:

A própria linguagem é definida por uma cultura. Não podemos ser competentes na língua se não compreendermos também a cultura que a moldou e informou. Não podemos aprender uma segunda língua se não tivermos consciência dessa cultura e de como essa cultura se relaciona com a nossa primeira língua/primeira cultura. Portanto, não é apenas essencial ter consciência cultural, mas também consciência intercultural (p. 23).

Quando existem espaços para discussões críticas dentro da sala de aula, quer dizer que o professor está preocupado e interessado no fortalecimento das identidades de seus alunos. Como afirmam Byram, Gribkova e Starkey (2002) “O papel do professor de línguas é, portanto, desenvolver competências, atitudes e consciência de valores, tanto quanto desenvolver o conhecimento de uma cultura ou país específico” (p. 13). Porém, o professor participante nesse episódio não utiliza artifícios do livro didático para criar instâncias de criticidade, o seu foco nessa aula foi voltado para questões linguísticas estruturais, enquanto os alunos davam suas opiniões sobre as diferenças das imagens, o professor se preocupava em fazer com que os alunos entendessem como as sentenças que eles estavam produzindo seriam gramaticalmente corretas em inglês. Nesse sentido, o desenvolvimento crítico deu lugar a uma preocupação por acurácia.

O professor teve uma ênfase muito grande nas questões estruturais de língua, focalizando como as sentenças são construídas em inglês de acordo com as opiniões dos alunos, assim, a opinião dos alunos foi considerada a partir das estruturas produzidas. Notamos que a atividade do livro propõe possibilidades de desenvolvimento intercultural e trazem elementos de comparações entre diferentes tipos de sala de aula, tipos de identidades de alunos e professores diferentes, espaços de salas de aula diferentes. A atividade do livro é um prato cheio para fazer com que os alunos reflitam sobre as realidades sociais, de maneira que possam refletir sobre as diferenças existentes nas salas de aula e outros aspectos ao redor do mundo, e assim possam comparar e refletir sobre sua própria sala de aula e realidade social.

Dessa maneira, o professor não soube utilizar o material didático em sua mediação para criar instâncias de interculturalidade, ele não pede que os alunos reflitam e apresentem opiniões a ponto de comparar as imagens apresentadas no livro com suas próprias comunidades, por exemplo, o que faria com que os alunos adentrassem no mundo do outro e a partir disso refletissem sobre suas próprias realidades culturais e sociais. É importante que os alunos estejam envolvidos com as culturas da língua que ele quer aprender, com isso, a relação entre o “eu” e o “outro” que é a metáfora de interculturalidade usada pela Kramsch (1993) não aparece nesse episódio. Kramsch (1998) aponta que os estudantes de línguas aprendem quem

são através do encontro com o outro, nos faz entender que não podemos compreender o outro se não conseguimos compreender suas experiências históricas, sociais e culturais. Portanto, diante da prática atuada do professor com relação a atividade, não constatamos aspecto de interculturalidade, porém, constatamos uma possibilidade intercultural através de sua prática narrada diante de sua resposta do questionário que lhe foi aplicado, a qual buscamos investigar os tipos de tarefas de aprendizagem de língua inglesa ele propõe em suas aulas e turmas, e sobre quais os tipos de habilidades e experiências ele procura despertar nos alunos. Ele narra que: *“Prioritariamente, a aprendizagem de língua inglesa deve ser crítica. Alunos precisam pensar sobre a realidade que os cerca. Além disso, é preciso desenvolver habilidades comunicativas/linguísticas: como expressar opinião de forma respeitosa; saber escolher a variante linguística cabível ao momento, etc.”* (Narrativa do professor)

De acordo com a narrativa do professor, a aprendizagem da língua inglesa vai além do uso de vocabulário e regras gramaticais, antes de tudo, a aprendizagem da língua inglesa deve ser crítica. Para o professor, a aprendizagem da língua inglesa deve desempenhar um papel importante no desenvolvimento intelectual dos seus alunos formando a capacidade de compreenderem e interagirem com a realidade que os cerca. De acordo com a narrativa, notamos que o professor possui uma consciência crítica intercultural, porém, percebemos que existem desencontros com as práticas atuadas do professor na descrição do primeiro episódio descrito. Por outro lado, isso não define a aula do professor como um aspecto ruim.

A prática atuada do professor na sala de aula não corresponde aos aspectos interculturais, uma vez que a abordagem do material didático não foi direcionada para criar instâncias de posicionamento crítico, como, por exemplo, conduzindo os alunos a refletir criticamente através das imagens da atividade proposta em comparação com suas realidades, seus valores, emoções, e não fez com que os alunos fizessem comparações da realidade do outro com sua própria realidade. Já na prática narrada ele nos afirma que aprender sobre a língua inglesa deve ser um processo crítico e reflexivo sobre as realidades do mundo. Ainda aponta que é importante que os alunos apresentem suas opiniões de forma respeitosa, o que é uma característica marcante de competência intercultural.

Portanto, no primeiro episódio, respondendo aos termos *se* e *como*, definimos que uma proposta de interculturalidade aconteceu somente no elemento da relação do professor com os alunos, de maneira que percebemos que nas práticas atuadas, o professor adota a sala de aula como um espaço no qual a participação dos seus alunos é primordial. Mas, as opiniões dos

alunos nesse episódio não foram aprofundadas com base na atividade, e apenas consideradas pelo aspecto linguístico estrutural. A atividade oferecida pelo livro poderia ter sido conduzida de outra forma, havendo mais troca de opiniões entre o professor e alunos, alunos entre si e com a temática da atividade. Ao invés do professor somente ter pedido que os alunos comparassem os pontos em comum das imagens, o ideal seria o professor ter pedido que os alunos comparassem as realidades das imagens com as realidades dos alunos. Dessa forma, o professor poderia ter transformado a aula em um debate com base nas opiniões dos alunos com relação às imagens.

Assim, os alunos poderiam fazer comparações entre as práticas do professor, com as práticas dos professores das imagens, das práticas dos alunos e outros elementos os quais fossem observando. O material didático ofereceu uma proposta de atividade que engloba a interculturalidade que poderia ter levado os alunos a conhecerem mais sobre as culturas, comportamentos e práticas sociais de diferentes grupos e culturas, porém, o professor não utilizou estratégias metodológicas que explorassem mais o que a atividade ofereceu. Diante disso, notamos que a interação entre o professor e os alunos foi centrada para o lado gramatical, e não crítico.

4.1.2 -Episódio 2 - Discussion Point, Sharing, Vocabulary, To be good at

Descrição

No encontro do dia 19/05/2023 as aulas foram divididas em quatro sessões para cumprir a agenda de estudo dos alunos. Em um primeiro momento, o professor deu início a uma atividade de “*Discussion Point*” para que os alunos pudessem opinar, abrir suas mentes e falarem o que pensam. Não foi necessário que os alunos usassem o caderno, a atividade serviu mais para que eles discutissem e opinassem. Para isso foram feitas três perguntas com base no conteúdo do livro didático que abordava sobre “*What’s your talent?*” para que os alunos refletissem e compartilhassem seus pensamentos através delas. Ilustração da página da atividade do livro mostrada abaixo:

Figura 2 - What is your talent?



Fonte: Coleção New Alive High: Língua Inglesa - Ensino Médio - Manual do professor. volume 1, p. 30 (BRAGA; RACILAN; GOMES 2020)

As perguntas eram: “*Do You Believe in talent?*”, “*What is more important to achieve success, talent or effort?*”, “*Do you know a story about a successful person? was a story about talent or effort?*” Com base nesses questionamentos, o professor primeiramente lançou uma dica de leitura para os alunos em caso de não haver recursos como tradutores, ou até mesmo em caso de dificuldade, enfatizando que primeiro os alunos deveriam procurar por cognatos, explicando brevemente que os cognatos são palavras semelhantes entre dois idiomas. Com base nisso, ele pediu para que os alunos observassem a primeira questão acima e perguntou se nela havia alguma palavra parecida com português, rapidamente os alunos citaram “*Talent*” em seguida o professor perguntou com que palavra essa expressão era parecida e eles falaram “*talento*”, após essa resposta o professor perguntou para os alunos se a palavra talento tem algum sinônimo que signifique a mesma ou quase a mesma coisa, os alunos citaram “*Hability.*” que para eles podem se atribuir quase a mesma coisa/significado. Partindo para outra estratégia, o professor citou sobre as palavras que os alunos sabiam no inglês apesar de não serem parecidas com o português.

Foi perguntado aos alunos se eles sabiam ou conheciam a palavra “*Believe*”. Os alunos ficaram pouco pensativos com relação à palavra questionada e o professor auxiliou

usando exemplos de frases como “*If you believe in Jesus?*” significando crer ou acreditar em alguma coisa, assim, os alunos notaram que a palavra significava “*Acreditar*” com isso, o professor leu a primeira questão acima e questionou o que a mesma queria saber, como os alunos já sabiam o significado das expressões “*Talent*” e “*believe*” eles interligam com as outras estruturas gramaticais da questão e responderam que a pergunta estaria questionado o seguinte: “*Você acredita em talento?*”. Essa questão serviu para que os alunos refletissem se as pessoas têm talento ou já nascem com algum dom. Logo após o professor partiu para a segunda questão acima: “*What is more important to achieve success talent or effort?*” aplicando as duas estratégias: cognato e palavras que os alunos já conheciam no inglês. O professor perguntou aos alunos quais palavras nessa questão eram parecidas com o português, os alunos citaram “*Important*” e “*Sucess.*”

Após isso, a turma foi dividida em quatro grupos onde o professor estimou um tempo de 8 minutos para que cada grupo discutisse entre si as três perguntas para que depois houvesse a segunda sessão, que foi o momento do “*Sharing*” momento oportuno o qual os alunos compartilharam suas respostas. O momento de compartilhamento foi bem proveitoso, pois todos os alunos trouxeram contribuições críticas em suas falas. O professor perguntou ao primeiro grupo o que achavam sobre a primeira pergunta que questionava se eles acreditavam em talento. Segundo eles, existem pessoas que nascem com talento e existem pessoas que se esforçam muito para tê-los. Para um segundo grupo, o professor lançou o segundo questionamento perguntando para eles o que seria mais importante para conseguir o sucesso, se seria o talento ou o esforço. Segundo eles, talento e esforço precisam caminhar juntos para que algo aconteça. Já para um outro grupo, o terceiro, nesse caso, foi feita a mesma pergunta, que para eles, o esforço foi o maior predominante durante a discussão. Pois, para eles, as pessoas podem sim nascer com algum dom, mas o esforço seria o essencial para chegar onde se quer de forma mais rápida.

O mais interessante da discussão, foi quando um aluno do grupo descreveu um filme que assistiu recentemente sobre um jovem que jogava basquete, segundo ele, o jovem tinha um dom, mas só descobriu através do seu esforço durante os treinos, e em todo o processo de treinamento. Foi notável que o aluno além de se sentir empolgado, demonstrou muita segurança ao falar na hora da discussão. Para o quarto grupo, o professor lançou a mesma pergunta e eles usaram a história do jogador Neymar Jr como exemplo de esforço. Na opinião deles, o jogador através da sua história de vida se esforçou bastante para ocupar a sua posição que é de grande

importância para o futebol nos dias de hoje. Na terceira e última pergunta que questionava se os alunos conheciam alguma história de alguém bem sucedido e o que predominou na história dessa pessoa, talento ou esforço. Uma integrante de um grupo manifestou sua opinião usando a história de vida do seu tio, e descreveu que ele se esforçou muito para conseguir ser um jogador de futebol. Hoje em dia, ele é bem conhecido no RN. Foi possível notar emoção no discurso da integrante do grupo ao falar do seu tio, para ela, a história de vida dele pode ser um grande exemplo para as pessoas correrem atrás dos seus objetivos. Esse momento da aula foi muito proveitoso porque os alunos manifestaram bastante suas opiniões baseadas nos questionamentos do professor, nesse momento de compartilhamento houve uma interação muito significativa entre o professor e os alunos.

Após esse momento, o professor partiu para a sessão que atendia ao “*Vocabulary*” para praticar esse momento, o professor se atentou a algumas expressões de ação, que assim listou no quadro: *Dancing, Singing, Cooking, Playing, Drawing, Painting, and Speaking*. Se ancorando nesse vocabulário, o professor utilizou o método de repetição, onde falava cada palavra e os alunos as ouviam com atenção e depois as pronunciavam. Todos os alunos ouviram com atenção e repetiram todas as palavras de forma bem conjunta. Após isso, o professor utilizou mais uma dica de que quando se quer saber o significado de uma palavra em inglês, os alunos devem usar a seguinte estrutura de questionamento: “*What does it mean?*” e para responder a essa pergunta se utiliza “*It’s means*” para dizer o que significa a palavra que se quer saber. Foi dado um pequeno momento para os alunos analisarem as palavras e refletirem nos seus significados.

Após isso, o professor fez uma espécie de entrevista com os alunos utilizando a pergunta acima, junto com as palavras do vocabulário. A dinâmica da entrevista aconteceu da seguinte forma: o aluno usava a questão “*What does it mean?*” para perguntar ao professor o significado da palavra que queria saber, para isso, o professor explicou que para ele perguntar o significado da palavra, ele teria que substituir o termo “*it*” por alguma palavra do vocabulário usado que ele queria saber o que significava, como exemplo, o professor usou a palavra “*Dancing*”, assim ficando o questionamento: “*What does dancing mean?*” e a resposta para essa pergunta seria “*It’s means dançar*” assim dizendo o que a palavra significa. Todas as palavras do vocabulário foram usadas pelos alunos. Eles perguntavam ao professor e o professor respondia usando as sentenças. Essa prática de vocabulário utilizada pelo professor foi bem elaborada porque como ele bem ressaltou na sua fala que, praticar vocabulário na

língua inglesa ou em qualquer outra língua é muito importante para manter uma boa comunicação com o outro, aprender mais sobre o mundo de uma maneira mais diversificada, e para isso, precisamos interagir uns com os outros.

Por último, o professor usou a última sessão *“To be good at”* para que os alunos aprendessem como dizer no que eles eram bons. Ele iniciou explicando que essa expressão *“To be good at”* serve para dizer no que o aluno é bom. Para isso, ele escreveu no quadro o exemplo da questão na forma interrogativa para perguntar no que o aluno é bom, assim ficando: *“Are you good at dancing?”* se a resposta fosse sim, ele responderia: *“Oh yes, I am”* se não *“No, I’m Not”* com base nisso, o professor explicou o conteúdo de uma forma mais detalhada, trazendo alguns exemplos de *“Verb to be”* se tratando de um conteúdo o qual sempre será importante e presente no inglês. Essa sessão foi mais voltada para o verbo *to be*, ressaltando suas formas, tanto as afirmativas como as negativas. Nessa sessão os alunos ficaram um pouco mais calados com relação ao verbo *to be*. Diante disso, o professor finalizou a aula afirmando que não sentiu um domínio dos alunos com relação ao verbo *to be* e que com isso, iria trazer uma atividade para que eles praticassem mais, e assim finalizou a aula.

Análise do episódio 2

Como descrito acima, a aula foi dividida em quatro seções, que na primeira, o professor explorou numa atividade de ponto de discussão, tendo como norte as três questões apontadas na descrição. Houve discussões em grupo, compartilhamento, prática de vocabulário e verbo *“to be”*. Para facilitar a compreensão das questões, e dos demais elementos apontados nas quatro sessões do episódio, o professor utilizou dicas de cognatos e exemplos de frases para mostrar seu significado, como *“If you believe in Jesus?”* (*“Você acredita em Jesus?”*). Essa estratégia inicial usada pelo professor buscou ajudar os alunos a decodificar palavras, aprender vocabulário, e a desenvolver suas habilidades de leitura, interpretação e comunicação no idioma.

O professor utilizou estratégias para envolver os alunos na atividade de discussão, as quais exploravam talento, esforço, e sucesso, que era o foco da atividade do livro didático. O professor optou por uma aula mais interativa entre ele e os alunos. Essa estratégia utilizada pelo professor, se conecta ao conceito de Byram (1997) que define competência comunicativa intercultural como habilidades e atitudes que são necessárias para se envolver em atividades onde a língua alvo é o principal código de comunicação. Isso vai além do domínio linguístico,

se trata da capacidade de interagir com outras pessoas de opiniões e culturas diferentes. Aconteceram aspectos interculturais na relação entre o professor com os alunos, que foram postos em pontos de discussões e questionamentos, os quais os alunos exprimiram suas opiniões e expressaram suas emoções através da atividade proposta pelo professor. Nas estratégias metodológicas, o professor centrou em uma aula interativa, usou práticas de vocabulário e aprendizado do verbo “to be.” Como material pedagógico, o professor também usou o livro didático tendo como fio condutor o tema “*What’s your talent?*.” Durante a atividade de discussão, notamos o aspecto de interculturalidade tanto na prática atuada do professor, quanto na dos alunos, pois, o professor buscou incentivá-los a discutirem entre si através de questionamentos, deu espaço e tempo para que os alunos refletissem e opinassem sobre a temática da atividade. Diferentemente do primeiro episódio, o professor soube conduzir e administrar melhor o conteúdo do material pedagógico, utilizando a temática abordada no livro didático, a qual qualquer um dos alunos pudessem se expressar e serem críticos também a ponto de se questionarem.

Notamos diferenças entre esse episódio com o primeiro episódio, pois, no primeiro, os alunos não foram tão estimulados a se envolverem na atividade do livro com perguntas conectadas com suas realidades sociais e culturais, já neste, os alunos foram incentivados a falarem, e buscarem suas realidades através da temática proposta. A postura do professor dentro da sala de aula com os seus alunos remeteu a um paradigma intercultural, pois diante de outra narrativa do professor, indagamos um questionamento sobre se ele acredita que a habilidade crítica dos seus alunos é estimulada nas suas aulas, e de que maneira isso acontece. O professor aponta que: “*O conhecimento não deve ser dissociado da realidade do estudante. Pelo contrário, o trabalho docente deve ocorrer a partir dele, ofertando mais questionamentos que respostas.*” (*Narrativa do professor*). Nesse caso, o professor coloca o aluno como centro na atividade, e isso se confirma e foi percebido durante as descrições as quais os alunos eram questionados e chamados a participarem da aula, foi notado que o objetivo do professor não era o de apenas transmitir informações e conhecimento, mas também queria ouvir os seus alunos e fazê-los refletir. Essa narrativa do professor é muito necessária porque o conhecimento deve se atrelar a realidade do aluno, isso faz com que ele se envolva nas discussões e interações tanto com o professor como com os demais colegas da sala de aula.

Com base nisso, concordo com Byram; Gribkova e Starkey (2002, p. 16) quando afirmam que “a tarefa do professor é ajudar os alunos a fazer perguntas e interpretar respostas”.

A ideia narrada pelo professor investigado de oferecer mais questionamentos que respostas é muito significativa, isso quer dizer que ao invés de somente transmitir ideias prontas, ele incentiva os seus alunos a serem questionadores de situações e a partir disso possam desenvolver pensamentos críticos. A resposta dada pelo professor nos faz enxergar que não se trata de auxiliar os alunos a aprenderem conceitos, mas, sob o modo de encorajá-los a encarar os desafios do mundo real, fazendo-os compreender que muitas vezes não teremos respostas prontas para todas as coisas, e a noção de questionar só nos faz entender que é preciso que haja curiosidade em se questionar a cultura do outro para poder entender melhor a própria cultura, isso inclui classe social, costumes, sexualidade, crenças entre outros elementos que podem constituir a identidade social e cultural.

Na sessão de compartilhamento, os alunos citaram exemplos importantes que incluíam histórias de superação de vida de membros de suas famílias, os alunos resgataram suas próprias realidades de vida para dentro da sala de aula, outros se inspiraram falando sobre celebridades, e outros baseados em filmes que já viram. Foi notório a empolgação dos alunos diante dessa sessão de debate, houve uma interação muito significativa entre o professor e os alunos. O tempo que o professor estimulou para cada grupo debater entre si foi essencial e respeitoso com os pensamentos dos alunos. Diante da cena de compartilhamento a qual os alunos apontaram criticamente sobre histórias e experiências de vida, reflexão de cenas de filmes baseando-os em fatos que podem ser reais, refletimos em palavras de Kramsch (1998) quando nos diz: “Mas os membros de uma comunidade ou grupo social não expressam apenas experiência; eles também criam experiência por meio da linguagem.” (p. 7). Essas palavras afirmam a importância da linguagem para formação de experiências dentro de um grupo social. Isso significa que a linguagem tem um papel fundamental não apenas na expressão de experiências individuais, mas também, na criação de experiências coletivas, sendo elas compartilhadas através da comunicação e interação social de comunidades. A sessão de compartilhamento ofereceu uma troca muito significativa de experiências através da comunicação entre os alunos e o professor, as quais através dos questionamentos do professor, os alunos deram suas opiniões com base nas experiências de vida, e nisso, criaram experiências uns com os outros através da comunicação.

As práticas atuadas por parte dos alunos se encontram coerentes com suas práticas narradas, pois, de acordo com o questionário dos alunos, perguntamos o que eles mais gostam na aula de inglês, e a maioria deles narraram gostar de: “*Debates sobre pronúncia certa ou errada*

(Aluno 1); Interação do professor com os alunos (Aluno 2); As pessoas se comunicando entre si (Aluno 3); A participação de todos (Aluno 4);” e mais uma narração para o mesmo questionamento me chamou bastante atenção, nela diz: “De aprender mais sobre, pois, quando aprendemos se abre um novo mundo de coisas. (Aluno 5).” (Narrativa dos alunos)

Esses interesses por discussões em sala de aula, tornam a troca de conhecimento entre os alunos e o professor numa relação mútua a partir do momento em que o aluno demonstra curiosidade, em um determinado tipo de assunto que consista na troca de experiências e conhecimento entre o professor e os alunos. Baseado nesse contexto sobre interações do professor e alunos dentro da sala de aula, questionamos também ao professor participante sobre a forma de como ele lida com situações em sala de aula onde alunos têm visões de mundo diferentes baseadas em suas identidades culturais, e como ele promove o respeito e a compreensão mútua nessas situações, sua resposta nos diz o seguinte: *“O professor funciona como moderador/coordenador dos debates. Dessa forma, é obrigação dele criar estratégias que mantenham a ordem para que todos sejam ouvidos, além do respeito à diversidade de ideias.” (Narrativa do professor).*

O professor participante afirma que o papel do professor nesse sentido é o de desempenhar um papel que promova discussões saudáveis dentro da sala de aula, sem haver desordem no momento de discussões. Através da narrativa feita acima, entendemos que o professor deve garantir que todos os alunos possam se expressar e que todas as ideias vindas dos alunos devem ser respeitadas por todos. O objetivo é tornar a sala de aula como um espaço o qual os alunos possam aprimorar e aprofundar suas habilidades de comunicação e respeito pelas opiniões dos outros. Partindo desse contexto, revelo outra narrativa dos alunos através de outra pergunta do questionário, perguntamos se eles consideram a aula de inglês como um espaço em que eles conseguem apresentar suas opiniões, alguns narram que:

“Sim, pois temos o direito de perguntar o por que de tal palavra tem esse significado... (Aluno 6); Sim, você pode demonstrar conhecimento da língua inglesa, o quão bom você é na matéria (Aluno 7); Sim, porque nós fazemos perguntas, expressamos nossas opiniões sobre os assuntos abordados de forma divertida e participativa (Aluno 8); Sim, pois, a aula de inglês tem muita participação dos alunos (Aluno 9) Sim, você consegue tirar suas dúvidas e consegue também melhorar tanto sua linguagem, quanto também perde a vergonha de se expressar. (Aluno 10) Sim, porque é uma matéria que eu gosto muito, e como algum dia eu quero sair do país, além de ser uma matéria muito boa e exemplar para poder fazer viagem (Aluno 11).” (Narrativa dos alunos)

Essas narrativas dos participantes se relacionam às ideias de Byram (1997), que destaca a importância de desenvolver habilidades linguísticas, atitude e competência intercultural no processo de aprendizado de línguas estrangeiras. Para Byram, o falante intercultural não deve se limitar a aprender somente o idioma da língua de outra cultura, mas também é importante entender e valorizar os pontos de vista e perspectivas da outra cultura.

Diante da narrativa do professor, percebemos que ele defende o respeito entre a diversidade de ideias de seus alunos, e isso trás uma característica de falante intercultural. Nas narrativas dos alunos, notamos que eles reconhecem a importância da participação ativa nas aulas de inglês, se sentem à vontade para falar e debater. O aluno 8 por exemplo, enfatiza a importância de fazer perguntas e expressar opiniões, isso nos revela que a interação na sala pode tornar a aprendizagem significativa e eficaz. O aluno 10 também revela que participar ativamente das aulas ajuda a tirar dúvidas, melhorar a linguagem e perder a vergonha em se expressar.

Pensando num contexto de respeito à diversidade, como a classe social, raça, religião entre outras coisas as quais diferenciam as culturas entre os diferentes grupos, notamos que seria cabível perguntar ao professor sobre essas questões que são extremamente sensíveis, mas, relevantes principalmente no contexto de sala de aula onde essas situações ocorrem de maneira frequente. Foi perguntado se o professor já vivenciou situações de preconceito em sala de aula, e, se isso de fato aconteceu, como ele lidou com aquelas situações. Sua resposta foi a seguinte: *“Houve diferentes episódios desde racismo, capacitismo à homofobia, etc. A última sendo mais difícil de lidar porque toca na minha subjetividade. Contudo, busquei aplicar o antídoto para o preconceito: o conhecimento.”* (Narrativa do professor)

Em muitos ambientes, principalmente nas escolas, encontramos esses problemas de forma recorrente, muitas vezes alguns professores não sabem lidar com esse tipo de situação, já outros, como o professor investigado, buscam enfrentar essas questões através de abordagens baseadas no conhecimento, que como ele bem narra, é um antídoto, que é poderoso. Há muitas maneiras de lidar com essas situações dentro da escola, através de conversas, buscando conteúdos e materiais que abordem essas questões de desigualdade, racismo, homofobia e problemas sociais, de maneira que façam com que os alunos reflitam, aprendam e respeitem uns aos outros. Investir numa abordagem intercultural é relevante porque permite focalizar esses problemas que por vezes não são tão explorados. Essas abordagens incluem representatividade cultural, diversidade linguística, contextualização cultural, e

empoderamento. Diante desse posicionamento do professor, percebo que ele deixa uma lição para tudo isso, de acordo com seus pensamentos só o conhecimento é capaz de aplicar lições e de quebrar estereótipos de preconceito. Com base nessas suas experiências narradas e por mais delicadas e dolorosas que sejam, podemos perceber que elas o transformaram em um ser crítico, consciente, mas também sensível que busca levar o respeito para dentro da sala de aula.

A fim de colher mais informações das turmas em geral através de narrativas, e também baseando ao contexto desse segundo episódio, foi perguntado ao professor se ele considera que sua turma é acolhedora e respeita as perspectivas uns dos outros, ele responde o seguinte: *“Em geral, meus alunos sentem total liberdade para opinarem em nossas aulas. No entanto, algumas turmas apresentam mais dificuldades que outras por, aparentemente, uma falta de exercícios argumentativos.”* (Narrativa do professor). Compreendemos que algumas turmas sentem dificuldades em enfrentar exercícios argumentativos, e através disso percebemos que o professor observa bastante todas as suas turmas.

Também foi perguntado aos alunos se eles consideram que suas habilidades críticas são estimuladas nas aulas de inglês, e de que maneira. Alguns deles narram que: *“Sim, quando nós estamos em aulas de debates (Aluno 13); Sim, pois há debates nas aulas (Aluno 14); Sim, porque é algo que me aprofundo e entendo nas aulas de inglês (Aluno 15); Sim, através da estimulação e da participação (Aluno 16).”* (Narrativa dos alunos). Podemos notar que todas as narrações referidas aos alunos se assemelham, e isso é muito positivo porque só nos mostra o quanto as práticas pedagógicas do professor estão contribuindo de maneira significativa na vida desses alunos, além deles estarem aprendendo, eles estão sabendo reconhecer que as práticas do professor buscam por uma sala de aula com boas relações de interação.

No segundo episódio, ao contrário do primeiro, alcançamos de forma mais significativa os três elementos que compõem os aspectos interculturais, sendo estes: a relação entre professor e alunos, as estratégias metodológicas e materiais pedagógicos. A relação do professor com os alunos se manteve igual e até melhor do que o primeiro episódio, como já foi falado, no primeiro episódio, o professor colocou os alunos como centro, buscando que eles participassem das aulas. E nesse episódio principalmente, porque o professor usou a atividade de discussão centrada nos alunos. Nas estratégias metodológicas o professor focou na interação entre ele e os alunos, pois, na sessão de debate e compartilhamento, ele fazia perguntas e os alunos as respondiam e davam suas opiniões pessoais, abordou práticas de vocabulário a qual apontava palavras como: *“hability”* e *“talent”* e perguntava se os alunos as conheciam ou com

que palavras pareciam, ele também se concentrou em palavras de ação no inglês, como “*cooking*”, “*dancing*” entre outras apontadas na descrição, e usou também o método de repetição, para garantir que os alunos ouvissem e pronunciassem as palavras.

Vale lembrar que mesmo o professor tendo usado o método de repetição das palavras, ele fez com que os alunos buscassem compreender os seus significados, como quando usou a técnica da entrevista em que os alunos usavam a pergunta “*What does it mean?*” para perguntá-lo sobre o significado das palavras. Foi uma boa estratégia para praticar vocabulário de maneira interativa. Quanto ao material pedagógico, o professor soube utilizar a atividade do livro didático de maneira que as opiniões dos alunos foram centradas na temática do livro e protagonistas nos debates, e suas opiniões não foram carregadas pelo lado estrutural.

Consideramos os resultados desse episódio diferentes dos resultados do primeiro episódio, o qual somente na relação entre professor e alunos foram encontradas propostas de interculturalidade. Nesse, percebemos que o professor aprofundou suas estratégias metodológicas em direção às perspectivas interculturais, colocando os alunos como centro em todos os momentos de sua aula, explorando atividade mais discursiva as quais as opiniões críticas dos alunos foram estimuladas e consideradas na maneira que se expressaram falando sobre suas realidades, a prática de vocabulário também foi uma troca de interação entre o professor e os alunos de maneira que conversaram entre eles no momento da entrevista. Diante dos termos *se* e *como* definimos que a interculturalidade prevaleceu e aconteceu nas propostas do professor e nas interações dele com os alunos nesse episódio. Os alunos também mostraram aspectos interculturais nas suas posturas dentro da sala de aula, na maneira de como interagem uns com os outros, dando opiniões, na maneira de como sabiam ouvir os outros grupos, e pela troca de experiências no decorrer das sessões. Lembrando que não consideramos somente a interação entre o professor e os alunos dentro da sala de aula como intercultural, mas também suas discussões críticas, opiniões, emoções, e respeito mútuo entre eles.

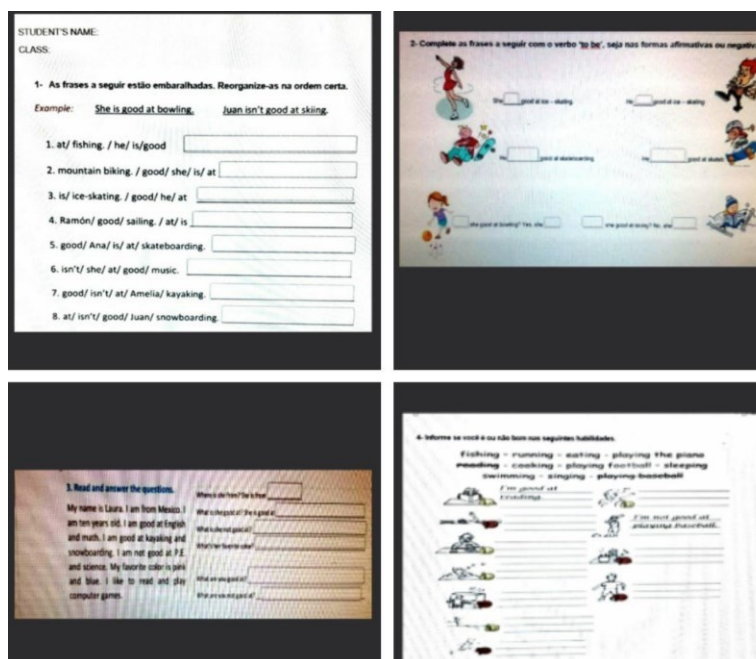
4.1.3 Episódio 3 - Vocabulary, Listening and Speaking

Descrição

O terceiro e último encontro ocorreu no dia 26/05/2023, sendo este, um pouco mais longo. São somente duas aulas durante a semana, porém, o professor usou mais duas aulas que foram vagas porque outro professor da turma teve que se ausentar, e nisso, o encontro totalizou 4 (quatro aulas). Nas duas primeiras aulas, o professor aplicou uma atividade impressa a cada

um dos alunos. Com as atividades entregues, o professor explicou o que cada questão da atividade pedia. A atividade era composta por 4 questões que envolviam o “*Verb to be*”, e também o “*To be good at*” o que serviu para os alunos praticarem mais. Sendo que a primeira questão continha frases embaralhadas para serem reorganizadas na ordem correta, a segunda pedia para completar frases com o verbo *to be* nas formas afirmativas ou negativas. Na questão 2 continham imagens ilustrativas relacionadas a cada frase. A terceira questão, tinha um pequeno texto bem simples em inglês, e ao lado, 4 questões relacionadas a esse texto e abaixo 2 questões pessoais onde a primeira questionava no que o aluno era bom, e a outra no que o aluno não era bom. Na questão 4 foi pedido para que os alunos informassem quais habilidades eles eram bons ou não. A questão continha nomes e imagens de 11 habilidades, cada nome era referente às imagens para que os alunos as relacionassem e escrevessem de acordo com as habilidades deles usando frases que tinham como exemplo na questão: “*I’m good at*” para afirmar “*I’m not good at*” para negar. Imagens da atividade abaixo:

Figura 3 - Atividade impressa



Fonte: Atividade implementada pelo professor

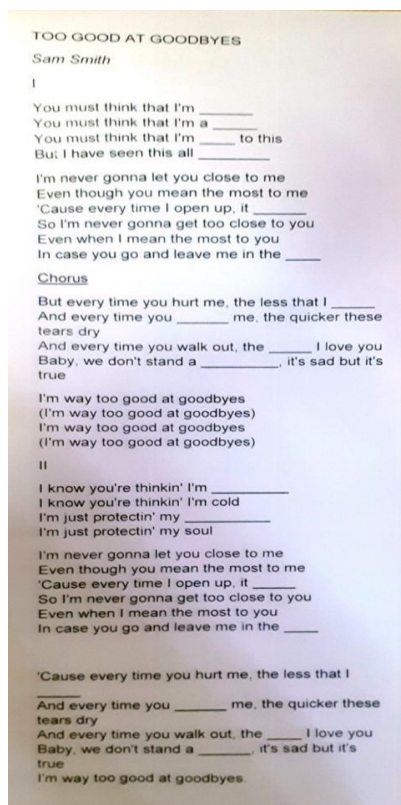
Foi notável que os alunos em suas posturas não tiveram tanta dificuldade durante a atividade, e o professor tinha a todo momento o cuidado de perguntar aos alunos sobre a atividade, suas impressões e tudo mais. Após isso, o professor me cedeu um pequeno momento para que eu pudesse aplicar o questionário da minha pesquisa com a turma. Os alunos

responderam de forma rápida. Nas duas últimas aulas, o professor praticou com os alunos outra atividade impressa de preenchimento, o que fez com que os alunos trabalhassem suas habilidades de *Listening*, *Speaking* e um pouco de *Writing*.

Para isso, ele utilizou a bela e famosa canção do Sam Smith “*Too good at goodbyes*”, que para dar início a atividade, ele escreveu um exemplo no quadro usando o seguinte questionamento: “*Are you good at goodbyes?*” ou seja, perguntou se os alunos eram bons em dar adeus para alguém. Alguns disseram que eram bons, e responderam com “*Yes*”, outros disseram que nem tanto. Depois, questionou a quem os alunos precisariam dar adeus, alguns deles citaram “*Family.*” Logo depois, escreveu 12 (doze palavras no quadro relacionadas a música, o que serviu para que os alunos aprendessem mais sobre as palavras as quais iriam usar para responder a atividade e serviu também para uma nova aquisição de vocabulário, pois, o professor em todas as aulas faz com que os alunos aprimorem mais e mais o vocabulário de língua inglesa, para ele, é importante que em cada aula os alunos tenham contato com vocabulário novo.

Antes de passar a música para os alunos, o professor pediu para que eles repetissem após ele a pronúncia das 12 palavras. A música foi reproduzida duas vezes, a primeira serviu para que os alunos conhecessem melhor a melodia da música de forma cuidadosa, e a segunda para que eles preenchessem os espaços com as palavras que ouviam. Imagem da atividade abaixo:

Figura 4 - Atividade impressa de preenchimento



Fonte: Atividade implementada pelo professor

Durante essa atividade, percebi que a maioria já conhecia a música, principalmente as meninas. Os alunos gostaram bastante da atividade, prestaram bastante atenção para fisgar cada palavra. Logo após isso, foi dado um pequeno momento para a correção da atividade, a maioria acertou grande parte das palavras, e isso é muito satisfatório, principalmente quando se trata de uma atividade de listening. Depois dessas correções, a aula foi encerrada.

Ressalto aqui que, foram observados apenas três episódios na sala de aula porque algumas residentes do Programa Residência Pedagógica da UFERSA campus Caraúbas assumiram com regência a alguns episódios na turma a qual eu estava investigando as aulas, e isso me impossibilitou de obter mais momentos com o professor e alunos, pois, a ideia da nossa pesquisa foi investigar somente o professor regente e os alunos, por esta razão, foram poucos episódios observados.

Análise do episódio 3

O terceiro encontro serviu para que os alunos praticassem suas habilidades de Speaking, Listening e Writing em inglês através das duas atividades impressas. Sabemos que é indispensável investir em vocabulário e pronúncia nas aulas de língua inglesa, e nesses

encontros que foram observados, notei que o professor investe bastante na aquisição de vocabulário com alunos. O professor utilizou as atividades impressas para fazer com que os alunos aplicassem o que aprenderam a partir das aulas anteriores. Atividades práticas como a reorganização de frases, ênfase na comunicação, onde o professor incentiva os alunos a se expressarem através das questões, principalmente na primeira atividade a qual tem questões que pedem a opinião dos alunos sobre eles mesmos. A relação do professor com os alunos nesse terceiro e último episódio se manteve igual aos dois primeiros, onde o professor incentiva a participação dos alunos nas atividades. Nas estratégias metodológicas o professor também utilizou práticas de vocabulário, e atividades práticas como as atividades impressas. Diferentemente dos dois episódios anteriores, o material pedagógico utilizado não foi o livro didático, e sim, duas atividades impressas, e um aparelho de som como recurso para auxiliar na segunda atividade.

Na primeira atividade impressa, percebemos aspectos de abordagem intercultural presentes na questão 3 e 4, pois, são totalmente voltadas a opiniões e elementos relacionados aos alunos. Por exemplo, na questão 3, além das duas primeiras perguntas relacionadas a um texto simples, o professor busca saber dos alunos no que eles são bons, e no que não são bons. Essa é uma abordagem intercultural adotada pelo professor porque ele se interessa e oferece questionamentos aos seus alunos para que eles reflitam sobre eles mesmos, e opinem sobre isso. Investir numa abordagem intercultural na sala de aula, é envolver e relacionar as atividades com a realidade dos alunos para que eles se permitam refletir criticamente, e nessas questões, o professor fez com que os alunos se avaliassem de forma crítica a ponto de pensar e escrever no que eram bons, e quais suas habilidades. É importante que o professor seja capaz de criar atividades que façam os alunos tirem suas conclusões, seja sobre temáticas sociais, experiências próprias de vida ou com alunos de outras culturas, por isto, concordamos com as palavras de Byram, Gribkova e Starkey (1997):

[...] dar aos alunos competência intercultural, bem como competência linguística; prepará-los para a interação com pessoas de outras culturas; capacitá-los a compreender e aceitar pessoas de outras culturas como indivíduos com outras perspectivas, valores e comportamentos distintos; e ajudá-los a ver que tal interação é uma experiência enriquecedora (p.6)

Na segunda atividade, o professor além de usar estruturas do inglês como vocabulário, também fez com que os alunos praticassem as habilidades de audição, fala, e um pouco de escrita em língua inglesa. Percebemos que mesmo se tratando de uma atividade composta por elementos de estruturas da língua inglesa, o professor também usou estratégias voltadas a

aspectos interculturais, pois, antes de iniciar a segunda atividade impressa de preenchimento, o professor envolveu os alunos na pergunta “*Are you good at goodbyes?*”, sendo esta, proposta do professor em engajar os alunos e iniciar uma discussão que se relaciona diretamente com a música que foi estudada. Percebemos que o professor buscou relacionar a música com os pensamentos dos alunos e também as suas emoções, questionando-os se eles eram bons em se despedir de alguém, pois, a proposta da música remete a despedidas.

Podemos notar que o professor deu mais ênfase à opinião dos alunos, buscando relacionar os conteúdos com as experiências deles a partir de discussões. Os alunos, principalmente as meninas demonstraram gostar bastante da última atividade por conhecer a letra da música, que por sinal, é muito bonita. Dessa forma, percebemos que as práticas do professor e dos alunos nesse episódio também se encaminham aos aspectos interculturais, pois, não houve somente a interação entre os participantes, mas também a troca de opiniões entre eles, nos questionamentos centrados a realidade dos alunos, na abertura de espaço que o professor abre para os alunos e na participação de todos. Ao analisar e considerar elementos de postura, domínio e metodologias do professor em sala de aula, apontamos aqui, por último, uma questão a qual perguntamos ao professor participante se ele já teve algum tipo de experiência com pessoas de culturas diferentes da dele, se a resposta fosse sim, pedimos para que explicasse como foi essa experiência para ele, e, *se e como* essas experiências contribuíram para os seus métodos de ensino. Sua narrativa afirma o seguinte: “*Em 2018, tive a oportunidade de fazer um curso para o desenvolvimento de metodologias de ensino na San Francisco State University nos EUA. Lá, através de excursões a diferentes tipos de escolas, aprendi a valorizar mais a cultura municipal.*” (Narrativa do professor)

Como é afirmado por Gimenez (2006) a aprendizagem de uma língua estrangeira permite conhecer outras visões de mundo e entender melhor as nossas próprias. A narração do professor se encaixa perfeitamente a essa ideia porque o professor narra que teve experiências ao participar desse curso nos EUA, tendo a oportunidade de explorar e observar tipos de abordagens educacionais, estilos de ensino e troca de interação entre educadores e estudantes. Notamos que as experiências do professor ressaltaram a importância da cultura municipal no processo educacional. Isso inclui diversos elementos de reconhecimento como: costumes, tradições locais, línguas e além de tudo estratégias pedagógicas que sejam inseridas na realidade e nas necessidades da comunidade a qual a escola se insere.

Como já foi tratado anteriormente, a ideia não foi somente analisar se existe interações dentro da sala de aula, mas também, notar se existem espaços para que os alunos pensem, se expressem, opinem e ouçam os outros de maneira sensível e respeitosa. Diante dos três episódios, percebemos que no primeiro, o professor não conduz da melhor maneira os conteúdos do material didático, já nos dois últimos episódios, percebemos que há uma melhora significativa nas estratégias do professor, onde ele coloca as opiniões dos alunos como centro através de perguntas, discussões e debates.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central definir as bases de uma práxis pedagógica intercultural investigando um contexto real de sala de aula de língua inglesa, buscando analisar *se e como* as instâncias de interculturalidade acontecem nesses espaços, com vistas a compreender como um professor de língua inglesa de uma escola da rede pública de ensino narra e atua a interculturalidade na sala de aula de língua inglesa sob princípio teórico, metodológico e como uma competência colaborativamente construída pelas interações de sala de aula. Através disso, buscamos responder: *como podemos reconhecer práticas de interculturalidade no contexto de sala de aula de língua inglesa?* Para responder essa pergunta de investigação, analisamos as descrições dos episódios das aulas e algumas respostas do professor participante da pesquisa e dos alunos da turma do 1º ano “A” do ensino médio de uma escola do interior do RN.

O objetivo específico inicial dessa pesquisa foi o de investigar as narrativas do professor e dos alunos à luz do paradigma intercultural. Essas narrativas consistiram em práticas narradas e atuadas do professor e dos alunos. Diante desse objetivo, observamos através das descrições das narrativas do professor e dos alunos que suas práticas dentro da sala de aula apontaram para instâncias de interculturalidade, mas existem desencontros entre práticas narradas e atuadas por parte do professor na descrição do primeiro episódio com as do segundo e do terceiro episódio. Em sua prática narrada do primeiro episódio, o professor revela que a aprendizagem de língua inglesa deve ser crítica, nos fazendo compreender que o ensino de inglês deve ir além de seguir estruturas gramaticais, porém, na sua prática atuada, no entanto, o professor segue o contrário, não abordando práticas de interculturalidade no princípio teórico e nem no metodológico, sendo que a atividade do primeiro episódio proposta no livro oferecia uma abertura de muitas janelas de instâncias interculturais, abordando questões de diferenças culturais e sociais com relação a salas de aulas ao redor do mundo, o que poderia fazer com que os alunos refletissem sobre a realidade do outro e pensarem criticamente na sua própria realidade.

Nas descrições do segundo e terceiro episódio, diferentemente do primeiro, foi percebido que o professor demonstra uma evolução significativa nas suas práticas e estratégias pedagógicas que encaminham a compreensão dos alunos a instâncias de interculturalidade no processo de aprendizagem, centrando em aulas de debates, levando principalmente em consideração a opinião e interação dos alunos.

O segundo objetivo específico foi investigar *se e como* as práticas do professor e dos alunos na aula de inglês correspondem a um paradigma intercultural. Para isso, analisamos as práticas do professor e dos alunos contando com três elementos: a relação entre professor e alunos, as estratégias metodológicas e materiais pedagógicos. Quanto ao reconhecimento de práticas interculturais, nos atentamos a estratégias e abordagens adotadas pelo professor, interações dos alunos, nos materiais didáticos, em discussões que pudessem explorar questões culturais, na forma como os alunos foram encorajados a compartilhar suas próprias experiências culturais podendo entender a dos outros.

Essas práticas foram reconhecidas de forma satisfatória somente a partir do segundo e no terceiro episódio, onde as práticas narradas do professor e dos alunos foram ao encontro de instâncias interculturais, não só através das interações em sala de aula, mas também, através da forma de como o professor conduziu melhor as atividades propostas nos materiais pedagógicos que foram o uso do livro didático, o qual a temática da atividade foi centrada nas realidades e opiniões dos alunos, e as atividades impressas que também buscaram fazer com que os alunos refletissem sobre eles mesmos. Portanto, notamos que as práticas com instâncias interculturais só aconteceram nos episódios 2 e 3, onde o professor se atentou nas opiniões, interações e realidades dos alunos. Os alunos diante dos episódios assumiram participação ativa e marcante.

Ao final desta pesquisa, podemos refletir sobre a relevância desse trabalho, e atentando para a pergunta de investigação que nos guiou até aqui, os resultados a este questionamento nos mostram, com base nas descrições e narrativas, que práticas interculturais aconteceram, e que as práticas do professor com relação a instâncias interculturais foram evoluindo no decorrer das descrições dos episódios. Essa evolução nas práticas do professor nos oferece um olhar muito interessante, porque através delas pudemos fazer distinções entre um episódio e outro e perceber a melhora do professor com base nas suas práticas e estratégias metodológicas de ensino.

As práticas interculturais foram reconhecidas através das interações do professor com os alunos, na importância das opiniões dos alunos sobre eles mesmos no decorrer dos episódios, através dos debates propostos pelo professor, da troca de experiência entre o professor e os alunos durante a sessão de debate e também na sessão da atividade de entrevista. Todos os

elementos que envolveram a troca de conhecimento, respeito pela opinião do outro e opiniões críticas foram levados em consideração. Os alunos possuem característica marcante de participação durante os episódios, porém, só na descrição do primeiro episódio, percebemos que suas opiniões foram levadas em consideração apenas pelo lado sistemático.

Propomos uma investigação em contexto real dentro deste tema porque se faz necessário mais pesquisas nessa área, existem muitas pesquisas que falam sobre a interculturalidade, mas poucas se atentam ao cuidado de fazer observações na sala de aula, buscando perceber realmente como práticas interculturais podem acontecer em contexto real de sala de aula, o que é muito importante para que pesquisas dentro dessa temática cresçam, sendo que também, é uma forma de reflexão sobre experiências e práticas de professores e alunos dentro da sala de aula.

A pesquisa foi relevante porque não só descrevemos experiências mas também através dessas descrições, buscamos traçar e levar reflexões críticas sobre como práticas interculturais podem e são essenciais para construir pontes de respeito a opiniões do outro, a construir pensamentos críticos através de aulas discursivas, interativas, e fazer com que as aulas de línguas estrangeiras possam ser vistas como um caminho que pode oferecer conteúdos que aprimorem os pensamentos dos alunos baseados nas suas realidades.

É muito importante que as práticas interculturais aconteçam nas salas de aula, principalmente nas aulas de línguas estrangeiras que oferecem uma troca com as culturas do outro, mas sabemos que a interculturalidade não parte somente disso, manter uma boa relação com o outro, pensar criticamente e respeitar os valores e crenças do outro também são características interculturais.

Contudo, o estudo investigou a sala de aula do 1º ano “A” de uma escola pública do interior do RN, sendo este um contexto ideal de construção de experiências interculturais. A coleta de dados do trabalho se deu por meio de observação participante e questionários.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1996.
- BRAGA, J. C. F. ; RACILAN, M. ; GOMES JUNIOR, R. C. *New Alive High: Língua Inglesa - Ensino Médio - Manual do professor*. 1. ed. São Paulo: SM Educação, 2020. v. 1. 412 p.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- Byram, M. (1997). **Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence**. Clevedon, UK: Multilingual Matters
- BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: A practical introduction for teachers**. Language Policy Division, Directorate of School, Out-of-School and Higher Education, Council of Europe, 2002.
- CASALI, Jéssica Pereira; GONÇALVES, Josiane Peres. Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 10, n. 2, p. 84-92, 2018
- DÖRNYEI, Z. **Research Methods in Applied Linguistics**, Oxford: Oxford University Press, 2007. Pp. 336.
- FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996
- GIMENEZ, Telma. **Eles comem cornflakes, nós comemos pão com manteiga: espaços para reflexão sobre cultura na aula de língua estrangeira**. Boletim NAPDATE, UEL, Londrina, agosto/2006.
- <https://docplayer.com.br/6526960-4-educacao-intercultural-e-ensino-de-linguas-estrangeiras.html>.
- KRAMSCH, Claire. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: OUP, 1998.
- MOTA-PEREIRA, Fernanda; BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. *Ensino de espanhol e inglês em perspectivas decoloniais*. 2022.
- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.
- RICHARDS, J. C. & RODGERS. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ROSA FILHO, Jeová Araújo et al. *Interculturality in the additional language classroom: unveiling narrated and enacted pedagogic practices*. 2015.
- ROSA FILHO, Jeová Araújo et al. *The theoretical, methodological and interactional dimensions of an intercultural praxis: insights from a qualitative research*. 2019.

SCHEFER, Maria Cristina; KNIJNIK, Gelsa. Construindo uma pesquisa do “tipo etnográfico” na educação. **Revista Pricipia**, n. 28, 2015.

SANTOS, Marta. A observação científica. 1994.

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário do professor

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - VERSÃO DO PROFESSOR

Olá! Obrigado por participar desta pesquisa. O nosso objetivo é investigar algumas questões relacionadas ao ensino de língua inglesa e, para isso, gostaríamos de te fazer algumas perguntas. Não se preocupe, pois seu nome não constará em nenhuma publicação.

1- Qual a sua idade? _____

2- Onde você mora? _____

3. Há quanto tempo você leciona inglês? _____

4. Qual o seu nível de formação acadêmica? _____

5- O que você mais gosta na aula de língua inglesa?

6- O que você gostaria que fosse diferente na aula de língua inglesa?

7. Você já desenvolveu atividades ou projetos que abordassem questões culturais na aula de língua inglesa?

- Sim
- Não

8. Caso você tenha respondido "SIM" na questão anterior, poderia dar algum exemplo?

9- Você considera que a aula de inglês seja um espaço em que você consegue apresentar a sua opinião e ouvir a opinião de seus alunos?

- Sim
- Não

10. Caso tenha respondido SIM na questão anterior, em quais situações isso costuma acontecer?

11. Como você descreveria as tarefas de aprendizagem de língua inglesa que você propõe em suas turmas? Que tipo de experiências/habilidades você procura despertar nos alunos?

12. Você acredita que a habilidade crítica dos alunos seja estimulada nas aulas de inglês? Em caso positivo, de que maneira?

13. Como você lida com situações em sala de aula onde os alunos têm visões de mundo diferentes, baseadas em suas identidades culturais? Como você promove o respeito e a compreensão mútua nessas situações?

14. Você já presenciou ou vivenciou situações de preconceito em sala de aula? Em caso positivo, como lidou com essas situações?

15. Você considera que sua turma é acolhedora e respeita as perspectivas uns dos outros?

16. Como você compreende a língua inglesa a partir da experiência em sala de aula?

- A língua é um sistema de regras gramaticais.
- A língua é uma prática social, é comunicação.

17. Você já teve algum tipo de experiência com pessoas de culturas diferentes da sua? Se sim, explique como foi essa experiência para você, e, *se* e *como* essas experiências contribuíram para os seus métodos de ensino.

18. Como a sua identidade cultural influencia a sua abordagem educacional?

- Influencia positivamente, pois valorizo a diversidade cultural como recurso pedagógico.
- Não influencia, pois busco ser neutro em sala de aula.
- Influencia negativamente, pois tenho dificuldades em lidar com a diversidade cultural.

Obrigado pela sua participação!

ANEXO 2 - Questionário dos alunos

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - VERSÃO DOS ALUNOS

Olá! obrigado por participar desta pesquisa. O nosso objetivo é investigar algumas questões relacionadas ao ensino de língua inglesa e, para isso, gostaríamos de te fazer algumas perguntas. Não se preocupe, pois seu nome não constará em nenhuma publicação.

1- Qual a sua idade? _____

2- Onde você mora? _____

4- O que você mais gosta na aula de língua inglesa?

5- O que você gostaria que fosse diferente na aula de língua inglesa?

6. Você já participou de atividades ou projetos que abordassem questões culturais na aula de língua inglesa?

- Sim
- Não

7. Caso você tenha respondido "SIM" na questão 6, poderia dar algum exemplo?

3- Você considera que a aula de inglês seja um espaço em que você consegue apresentar a sua opinião?

- Sim
- Não

4. Justifique aqui sua resposta da questão 3:

5. Você costuma manter contato com a língua inglesa fora da sala de aula? Marque as alternativas que mais te representa:

- Sim, através de jogos, redes sociais ou websites.
- Sim, conversando com meus amigos da escola.
- Sim, através músicas, filmes, séries e outros produtos culturais.
- Sim, lendo livros em inglês.
- Não costumo ter contato com inglês fora da escola.

6. Como você definiria as tarefas de aprendizagem de língua inglesa em sua escola? (É possível marcar mais de uma alternativa).

- Envolvem gramática e vocabulário.
- Envolvem leitura e interpretação de textos.
- Envolvem a realização de projetos que têm relação com a nossa vida fora da escola.
- Envolvem pesquisas sobre temas específicos.
- Envolvem outros aspectos. (Quais?)
_____)

7. Você considera que sua habilidade crítica é estimulada nas aulas de inglês? De que maneira?

8. Você já presenciou ou vivenciou situações de preconceito em sala de aula? Em caso positivo, como a escola lidou com essas situações?

9. Você considera que sua turma é acolhedora e respeita as perspectivas uns dos outros?

10. Como você compreende a língua inglesa a partir da experiência em sala de aula?

- A língua é um sistema de regras gramaticais.
- A língua é uma prática social, é comunicação.

Obrigado pela sua participação!

ANEXO 3 - Termo de Consentimento para participação voluntária em pesquisa

Gostaríamos de convidá-lo para participar, como voluntário (a), da pesquisa qualitativa, *Experiências interculturais na sala de aula de língua inglesa: investigando a construção de uma práxis pedagógica* sob responsabilidade do pesquisador e orientador *Jeová Araújo Rosa Filho* e de sua pesquisadora assistente, *Vitória Milena de Góis*, tendo por objetivo investigar, através de experiências em sala de aula, potencialidades de uma perspectiva intercultural para o ensino de inglês como língua adicional. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem os participantes da pesquisa.

Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo(a) tais como filmagens, fotos, gravações etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de participação agora ou futuramente.

Na pesquisa qualitativa, habitualmente, não existe desconforto ou riscos físicos. Entretanto o participante poderá se sentir desconfortável em compartilhar informações pessoais, confidenciais ou falar sobre alguns tópicos que causem incômodo. Portanto, deixamos acordado que nenhum participante precisará responder a qualquer pergunta ou compartilhar informações obtidas em debate/entrevista/pesquisa, caso a considere de ordem pessoal ou sinta qualquer desconforto em falar.

A participação nessa pesquisa é de grande valor. Através dela, buscaremos desenvolver estratégias que busquem contribuir com o ensino de línguas adicionais no Brasil.

ACEITE DE PARTICIPAÇÃO DO(A) VOLUNTÁRIO(A)

Eu _____ abaixo assinado, aceito participar do estudo *Experiências interculturais na sala de aula de língua inglesa: investigando a construção de uma práxis pedagógica*, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele(a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim.

Assinatura do participante _____

**ANEXO 4 - Termo de Consentimento do Responsável para Participação de alunos
Voluntários em Pesquisa**

**TERMO DE CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA PARTICIPAÇÃO DE
ALUNOS VOLUNTÁRIOS EM PESQUISA**

Solicitamos a sua autorização para convidar o(a) seu/sua filho(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa qualitativa *Experiências interculturais na sala de aula de língua inglesa: investigando a construção de uma práxis pedagógica*, sob responsabilidade do pesquisador e orientador *Jeová Araújo Rosa Filho* e de sua pesquisadora assistente *Vitória Milena de Góis*, tendo por objetivo investigar, através de experiências em sala de aula, potencialidades de uma perspectiva intercultural para o ensino de inglês como língua adicional. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem os participantes da pesquisa.

Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo(a) tais como filmagens, fotos, gravações etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de participação agora ou futuramente.

Na pesquisa qualitativa, habitualmente, não existe desconforto ou riscos físicos. Entretanto o participante poderá se sentir desconfortável em compartilhar informações pessoais, confidenciais ou falar sobre alguns tópicos que causem incômodo. Portanto, deixamos acordado que nenhum participante precisará responder a qualquer pergunta ou compartilhar informações obtidas em debate/entrevista/pesquisa, caso a considere de ordem pessoal ou sinta qualquer desconforto em falar.

A participação nessa pesquisa é de grande valor. Através dela, buscaremos desenvolver estratégias que busquem contribuir com o ensino de línguas adicionais no Brasil.

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO(A)
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu _____ abaixo assinado,
responsável por _____

autorizo a sua participação no estudo *Experiências interculturais na sala de aula de língua inglesa: investigando a construção de uma práxis pedagógica*, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele(a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o(a) menor em questão.

Assinatura do responsável _____